

*UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA – UFSB  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS*



*ROSILENE OLIVEIRA DOS SANTOS*

*RACISMO NA ESCOLA: PODEM AS DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS PENSAR A  
EDUCAÇÃO?*

*PORTO SEGURO/BA  
2021*

ROSILENE OLIVEIRA DOS SANTOS

D  
Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Sul da Bahia, como exigência da Defesa do Produto Final no Programa de Pós-Graduação em Educação Étnico Racial.

O  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Dodi Tavares Borges Leal

PORTO SEGURO/BA  
2021

**Catálogo na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)**  
**Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

S237r Santos, Rosilene Oliveira dos, 1979 -  
Racismo na escola: podem as danças afro-brasileiras pensar a  
educação?./ Rosilene . – Porto Seguro, 2022.  
75 f.

Orientadora: Dodi Tavares Borges Leal  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.  
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais.  
Campus Sosígenes Costa.

1. Racismo. 2. Corporalidades. 3. Negras. 4. Dança Afro. I. Leal, Dodi  
Tavares Borges. II. Título.

CDD – 303.387

**Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883**



**Universidade Federal Do Sul Da Bahia – UFSB**  
**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PROPPG**  
**Programa de Pós-graduação em Ensino e Relação Étnico-Racial – PPGER**

**Banca Examinadora:**

-----  
 Prof<sup>ª</sup>. Dra. Dodi Tavares Borges Leal ( UFSB / PPGER)  
*Presidenta da banca*

-----  
 Prof. Dr. Gessé Almeida Araújo (UFSB / PPGER)  
*Membro interno*

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eloisa Leite Domenici (UFSB)  
*Membra externa*

-----  
 Prof. Me. Danilo Silveira (UNESPAR)  
*Membra/o interna/o*

-----  
 Rosilene Oliveira dos Santos  
*Candidata*

Webconferência, 09 de dezembro de 2021.

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - IHAC / Campus Sosígenes Costa – UFSB BR 367  
(Rodovia Porto Seguro – Eunápolis), Km 10, Porto Seguro - BA, CEP: 45810-000 55 73 3288-8400 |  
ppger.csc@ufsb.edu.br | <https://ufsb.edu.br/ppger>

## BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Dodi Tavares Borges Leal

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Gessé Almeida Araújo

---

PPGER/UFSB

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eloisa Leite Domenici

---

UFSB

Prof.<sup>o</sup> Mest.<sup>o</sup> Danilo Ventania Silveira

---

UNESPAR

## AGRADECIMENTOS



À Deus pela vida, pela minha família que construir, por ter minhas filhas sempre ao meu lado e pelas oportunidades concedidas, sem Deus nada seria possível. Gratidão!

À minha mãe por sempre estar ao meu lado, me encorajando, dando força para que meus sonhos se tornassem realidade, como também por acreditar na minha capacidade e me ajudar no que eu sempre precisei. Agradecer a ela, pois me tornei esta mulher que sou hoje, graças a educação que ele me deu. Obrigada mãe!

Às minhas filhas, por dividirem comigo todos os momentos, seja ele bom ou ruim. Por me ensinar a ser uma mãe compreensiva e amorosa, e, ser uma pessoa melhor a cada dia. Pelos dias que precisei me ausentar e dormir fora de casa para que eu pudesse alcançar, e me transformar, e conquistar e garantir a minha permanência no mestrado durante esse tempo.

Aos meus colegas e aqueles que se transformaram em amigos que levarei para minha vida, muito obrigada pela parceria durante todo esse percurso.

A todos àqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo a vida valer a pena cada vez mais.

A minha orientadora pela paciência, pelos encontros e desencontros que este programa nos proporcionou.

Agradeço a minha banca examinadora, na pessoa de Eloisa Domenici, Danilo Ventania e Gessé Araújo, por embarcarem e me apoiarem nessa viagem em busca de conhecimentos e aprimoramento na minha prática de ensino e aprendizagem.

A todos àqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo a vida valer a pena cada vez mais.

Gratidão!

***Mudar é difícil, mas é possível.***

*Paulo Freire*

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO: eu parei de dançar.....	7.
1.1 INTRODUÇÃO: entre a dor e o refúgio.....	9
1.2 Adolescência e chegada a Caraíva: lutando pela sobrevivência.....	11
1.3 Iemanjá me iniciou na dança enquanto aprendia a ser mãe.....	13
1.4 Mestrado: racismo na universidade e nos afetos?.....	14
2. PODE UMA NEGRA PENSAR A EDUCAÇÃO?.....	21
2.1 Discussões sobre questões raciais no Brasil.....	22
2.2 O preconceito racial na escola.....	26
2.3 Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação.....	28
2.4 Reflexões sobre a valorização da negritude.....	31
2.5 Dança afro brasileira na construção da identidade racial.....	36
3. DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS: Um legado para poucos.....	39
3.1 Origem e história das danças afro.....	41
3.2 Capoeira: luta, dança ou jogo?.....	43
3.3 Dança afro tribal: negro, índio.....	45
4. EPISTEMOLOGIAS NEGRAS DA DANÇA: trajetória metodológica.....	46
4.1 Corpo e pensamento negro: paradigmas educativos .....	48
4.2 Entrevistas: entre as vistas e entre as vísceras.....	51
4.3 Análise corporal da escola: aspectos críticos e poéticos.....	58
5. PODE A ESCOLA PENSAR AS DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS?.....	61

6. PENSE E DANCE: Mente Dançante.....	64
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
8. REFERÊNCIAS.....	65

## RESUMO

Esta pesquisa está pautada nos estudos sobre o racismo e dança afro-brasileira, visando a intervenção de jovens que sofrem racismo e discriminação dentro do espaço escolar. O trabalho pedagógico articulado com a dança, contribui para o protagonismo da cultura afro, colaborando para a prática de combate as múltiplas violências contra pessoas negras. Nesta esteira de pensamento, é preciso entender que o processo identitário está em constante mudança e movimento, estes termos dialogam com a dança afro, pois é no movimento dos corpos que a transformação acontece, quer seja por meio da transmissão de pensamento contra hegemônico, quer seja a partir da afirmação da identidade étnico-racial. Este panorama entende a dança como parte da cultura, que não se restringe a uma ocupação esportiva, extrapolando essa ideia, é necessário compreender que a movimentação corporal está atravessada pelos distintos elementos simbólicos da dança afro, que por sua vez constitui-se de um espaço marcado pelo embate, confronto e luta contra as relações de poder presentes em vários espaços sociais. Desse modo, buscamos avaliar como a linguagem da dança afro na escola corrobora para efetivação do reconhecimento da cultura afro das/os jovens negras/os. Além disso, a pesquisadora coloca o seu próprio corpo em questão, a fim de perceber o exercício da dança enquanto propagação de conhecimento e reafirmação da identidade e cultura negras. O processo metodológico, deste estudo, contempla a trajetória desenvolvida por meio da coleta de dados referentes as observações subsidiadas pelas visitas realizadas em uma escola pública do município de Porto Seguro – BA. Nesse ínterim, este estudo conta a participação das/os alunas/os, com finalidade de ouvir e escrever sobre as narrativas de vida dessas/es estudantes, na luta contra o preconceito e a discriminação a partir da inserção da dança afro nos espaços escolares. A realização deste trabalho compreende a pesquisa bibliográfica e de campo, na qual foi realizada uma entrevista com as/os alunas/os e professoras/es de escola pública dos anos finais.

**Palavras-chave:** Racismo. Corporalidades. Negras. Dança Afro.

## ABSTRACT

This research is based on studies on racism and Afro-Brazilian dance, aiming at the intervention of young people who suffer racism and discrimination within the school space. The pedagogical work articulated with the dance, contributes to the protagonism of the afro culture, collaborating for the practice of combating the multiple violence against black people. In this way of thinking, it is necessary to understand that the identity process is constantly changing and moving, these terms dialogue with the afro dance, because it is in the movement of bodies that the transformation takes place, whether through the transmission of thought against hegemonic, or either from the affirmation of the ethnic-racial identity. This panorama understands dance as part of the culture, which is not restricted to a sports occupation, extrapolating this idea, it is necessary to understand that the body movement is crossed by the different symbolic elements of afro dance, which in turn constitutes a space marked by the clash, confrontation and struggle against the power relations present in various social spaces. In this way, we seek to evaluate how the language of afro dance at school corroborates for the effective recognition of the afro culture of young black women. In addition, the researcher puts her own body in question, in order to perceive the exercise of dance as a propagation of knowledge and reaffirmation of black identity and culture. The methodological process, of this study, contemplates the trajectory developed through the collection of data referring to the observations subsidized by the visits made in a public school in the city of Porto Seguro - BA. In the meantime, this study counts on the participation of the students, in order to hear and write about the life narratives of these students, in the fight against prejudice and discrimination based on the insertion of Afro dance in school spaces. The realization of this work includes bibliographic and field research, in which an interview was conducted with public school students and teachers of the final years.

**Keywords:** Racism. Black Corporalities. Afro dance.

## **1 Notas iniciais**

A escola escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa, está situada no município de Porto Seguro- BA, a qual traz relevantes contribuições, auxiliando, também, no processo de discussão da luta antirracista. Durante o período da minha visita neste espaço escolar, presenciei situações de conflito entre os alunos, a partir de comentários de teor racializados, bem como foi possível identificar o fator da discriminação presente em situações distintas na convivência da juventude analisada.

Os fatos relatados não podem generalizar este ambiente escolar por meio de assertivas precoces e rasas, seria, portanto, uma atitude simplista tecer afirmativa de que não houve a realização de um trabalho pedagógico articulado com a diversidade étnico-racial, cabendo ressaltar que minhas visitas circunscrevem em um curto período de tempo, aberto a rasuras e reflexões. É de fundamental relevância entender o contexto escolar dentro de uma concepção coerente com a complexidade e mudanças em curso em todas as situações sociais.

Nessa empreitada, enquanto pesquisadora, fui descobrindo que nesta escola havia planejamento e discussão acerca de temas relevantes, os quais contribuem para a perspectiva de conscientização entre pais e alunas/os. Entretanto, com bases nos dados coletados, pude perceber que as/os estudantes autodeclarados pretas/os

passam por situações de racismo e discriminação atravessados pelas questões referentes: a cor escura da pele, a classe social e a relação de gênero, as quais estão perpassadas pelas esferas do poder branco, inscritas nas situações distintivas de forma negativa acerca das pessoas não brancas. Desse modo, entendo o fato agravante da discriminação como uma prática social, aprendida na socialização, que por sua vez divulga o pensamento que exclui, segrega e inferioriza os corpos.

## 1.1 APRESENTAÇÃO



Falarei do meu lugar de filha, mulher negra, viúva e, atualmente, mãe solo, criando três filhas lindas. Trarei com muito afeto para você, meu leitor, um pouco da minha história de vida, bem como discussões relacionadas às questões raciais no Brasil, contando com a contribuição do trabalho pedagógico, pautado no protagonismo das danças afro-brasileiras, bem como a relevância de epistemologias negras dentro do universo da dança. Desde já, deixo a seguinte indagação: como pode a escola pensar as danças afro-brasileiras?

No decorrer do texto, procurarei ser sucinta de forma suficiente para que os leitores tenham o interesse de prosseguir na leitura.

### **Infância e escola**

Filha de pai e mãe não letrados, no entanto, eles lutavam para proporcionar-me uma vida digna, como também buscavam oferecer uma educação de qualidade para cada uma de suas filhas. Eu sou a penúltima filha do casal, sempre fui aquela que não gostava de estudar, porém a mais apegada à minha mãe, não sabia bem o porquê, aos poucos ia descobrindo todo aquele apego por ela. A minha mãe, sempre, trabalhou fora e dentro de casa para ajudar nas despesas, e ali, eu via a oportunidade para escapar e fugir da escola. Todas às vezes que ela saía para trabalhar em sua carvoeira, dentro de uma serraria, eu esperava a saída dela para depois encontrá-la em seu local de trabalho.

Quando dava a hora de ir à escola, eu que não era boba, escondia-me por trás das colinas, que se formavam com o pó de serra, que ali existia, e era, sobretudo, o período propício para que passasse o horário da aula. Um certo dia, em meio essas minhas escapadas, quase morri soterrada pelo pó, foi aí que: a minha mãe tomou os cuidados devidos para que eu não a acompanhasse em suas idas ao trabalho.

A partir disso, comecei a ir à escola, pois ela, sempre, falava: "Você tem que estudar! Vai crescer bonita e quando as pessoas perguntarem se sabe assinar, você vai responder: o quê? ". E eu, imediatamente, com minha resposta dizia: "Para que eu tenho esse dedão"? E minha mãe respondia: "O meu sonho e ver todas vocês se formando". Aí, todos os dias, ela voltava do seu trabalho para levar-me para escola. Até um dia, eu descobri o porquê de não gostar de estudar, acredite!! Isto não tinha relação com a perspectiva de desvalorizar o estudo, eu sabia que era importante, entretanto, a razão consistia na problemática de não me sentir inserida na escola pelo fato de perceber que era muito diferente daquela turma que frequentava.

Eram todas/os filhas/os de pessoas de classe média alta, na sua maioria, brancos, dos olhos verdes. No entanto, diante dessa realidade racial, confesso que me sentia incomodada. Novamente, fugi da escola e minha mãe, outra vez, pegava-me pela mão e levava à escola. Um dia, chegando ao portão, agarrei nas pernas do vigia da escola para evitar a minha entrada. Daí em diante, estudava todos os dias de manhã e à tarde na secretaria daquela escola, isto era frequente até chegar ao final do ano letivo, e por fim, eu estava lá, contemplava minha aprovação nos estudos, juntamente com a turma daquela instituição. Logo depois, tomei a iniciativa de falar com minha mãe, impondo com a seguinte condição a de estudar no próximo ano em outra escola.

Então, felizmente, minha mãe realizou a minha matrícula no colégio ACM, onde estudei desde a terceira série até o terceiro ano do ensino médio, ressalto que, após essa mudança de escola, nunca mais faltei às aulas e, sobretudo, o problema de repetição de série foi resolvido da melhor forma possível, pois meus resultados tornavam-se positivos e satisfatórios neste ambiente escolar. Quando chegou o grande dia, meu estágio, encaminhou-me para minha formatura. Então, voltei àquela escola, onde fui traumatizada por não gostar de frequentar e, mais uma vez, ouvia

os murmúrios pelo corredor da escola se realmente eu seria capaz de dominar uma turma e se teria condições de fazer uma festa de encerramento de estágio.

Por questões financeiras, comecei a trabalhar em Caraíva nos verões; chegava até a emprestar o meu dinheiro com juros, para uma vizinha da minha mãe. Enfim, fiz a festa mais bonita da escola. Passei a imagem de metida porque investi o meu sangue ali, com muita satisfação e as/os minhas/meus alunas/os pelo período de trinta dias, adoraram-me. Eu, a única da família que não gostava de estudar, fui a primeira a ter um diploma em mãos. No ano de 1998, conclui o magistério, participei da formatura, fiz um buquê lindíssimo e contribuir para a alegria da pessoa que mais amo em minha vida: Elza Martins, minha rainha.

## **1.2 Adolescência e chegada à Caraíva: lutando pela sobrevivência**

Do lugar de mulher, muitas dores e sofrimento, minha vida foi muito sofrida: tive altos e baixos, cheguei a ser abusada aos 17 anos. Nunca falei desse assunto com outras pessoas, entretanto, fui socorrida por um rapaz, ao qual sou muito grata. Naquele momento, ganhei um amigo e mais tarde, estávamos na condição de namorados, isso durou apenas alguns meses, porém foi um dos meus momentos bons e alegres.

A pessoa que cometeu o abuso sexual, deixou-me com muito medo pelo fato de ser um conhecido, uma pessoa que eu me relacionava, jamais pensei que ele chegaria a esse ponto. Até hoje, quando encontro com ele, em algum lugar, escondo-me, não por medo, e sim por vergonha do que aconteceu.

Saindo desta situação trágica, sigo adiante, informando a você, meu leitor, que comecei a morar em Caraíva, quando tinha meus 18 anos. Nesse período, conheci a Valdirene Contarato, que me fez um convite para trabalhar na escola. Ingressei em 1999 na escola EMC e na escola Municipal Alegria do Saber, onde, novamente, fui surpreendida com o mesmo questionamento de um funcionário se eu, uma menina, daria conta de uma turma. Enfim, fui professora e hoje, exerço o cargo de coordenadora pedagógica da Escola Municipal de Caraíva.

Com relação a minha vida amorosa em Caraíva, ressalto que tem sido marcada por muitas loucuras! Namorei muito, fui vida louca, sim, divertia, horrores. A cada forró, uma pessoa diferente. No outro dia, passava por eles e fingia que não os conhecia; tornando-me uma pessoa insensível, apenas queria desfrutar dos corpos dos homens sem compromisso, creio que em meio a tanto sofrimento, tornei-me uma pessoa que nem eu mesma, muitas vezes, reconhecia-me.

Em 2000, fiquei grávida, aos 20 anos de idade, nada planejado, diante disso, fui morar com o pai da minha filha: tive uma vida não muito fácil. Sempre fui muito desejada e por isso era motivo de ciúmes para o meu marido. Trabalhava na escola e no verão, trabalhei em restaurante, mesmo grávida da minha filha mais velha. Fui traída pelo meu companheiro várias vezes; ele, sempre, querendo que eu tivesse mais um filho. Ele afirmava que seria uma menina negra e linda como a mãe. Ele jogava todos os meus remédios fora para que eu engravidasse! E, um belo dia, descobri que estava grávida.

Em 2004, nasceu a menina mais desejada e sonhada, que recebeu o nome de Isis Cardoso. Nesse mesmo ano, meu marido foi assassinado com vários tiros na porta da minha casa, deixando-me com duas filhas: Victória Régia de 3 anos e Isis com 9 meses. Encontrei forças na minha filha mais velha para lutar e sobreviver e o meu lugar de refúgio por um tempo foi a igreja e meu trabalho, pois entrei em depressão. Cheguei a pesar 52 kg, não me reconhecendo com tamanha magreza. Mesmo em meio a tanto sofrimento, tinha que buscar forças para lutar pelas minhas filhas. Entretanto, fui ameaçada, perseguida por pessoas que tínhamos como suspeitas, as quais poderiam ser as pessoas envolvidas no assassinato do meu marido.

Após 3 anos, casei, novamente, e continuei trabalhando e lutando para criar as minhas filhas e as ameaças não paravam, mesmo eu estando casada. Como fui, sempre, de trabalhar e me relacionar de forma significativa com as pessoas, mais uma vez, deparei com um homem ciumento e possessivo, o que contribuiu para o término do nosso relacionamento, chegando ao fim no ano de 2007. Foi aí, que tive um grande encontro com a dança afro, na ONG CARAIVAVIVA, com a professora Paula Silva, comecei a fazer as aulas e ali, naqueles encontros, em cada ensaio,

buscava forças para me levantar e resistir a tantas humilhações e sofrimento do meu segundo relacionamento.

Anteriormente essa ONG Caraíva tinha recebido o nome de Mulheres de Caraíva, a qual foi criada pelo francês Daniel Vangard, com intuito de ajudar a comunidade, principalmente o de promover o trabalho artístico de mulheres a partir de bordados feitos em vestidos de crianças e panos de prato para fins lucrativos. Em seguida, a dança afro começou a ser ofertada para essas mulheres de Caraíva, contando inicialmente com a participação da professora Paula e logo após a saída, a professora Maria Rios assumiu esta função, atuando até aos dias de hoje. Passando-se o tempo, algumas modificações ocorreram, as quais contribuíram para o surgimento do novo nome ONG CARÁVAVIA, em que passou a receber os adolescentes no horário oposto das aulas para combater a ociosidade do tempo.

Logo no início, os trabalhos eram voltados para as atividades de: música, capoeira e o bordado para a juventude, com isso devido as dificuldades que surgiram no caminho, o fundador da ONG pensou em fechá-la, porém a comunidade se mobilizou para conseguir patrocínios, tais como: Itaú, Secretaria de Cultura, Petrobrás e Criança Esperança. A ONG, atualmente, conta com a participação de mais de 100 crianças com atividades diversas: bordado, desenho, aula de inglês, entre outros. Para além disso, o trabalho da Joana foi importante na atividade de bordado, bem como o da professora Paula na dança Afro.

## 1.2 lemanjá me iniciou na dança enquanto aprendia a ser mãe



Minha primeira apresentação no grupo de dança foi desempenhar lemanjá. Nos ensaios, em cada um, sentia-me incapaz, pois o que eu enxergava, era uma mulher sem sonhos, sem beleza, sem vaidade para representar uma figura de tamanha importância. Então, conheci a Maria Santos, minha companheira de dança no bar do Porto, curtindo o som do Grupo Caraivana. Em uma dessas noites, eles tocavam a música: *É d'Oxum*, que dancei, usando meu vestido branco todo despontado. Parecia que estava possuída por uma força superior de tanta leveza, que sambava e rodopiava, fazendo grandes gestos que nunca ensaiava na minha vida. Então, chegou o grande dia do grupo de dança afro das mulheres de Caraíva a se apresentarem.

Eu estava lá, toda vestida nos meus trajes para aquele momento, que para mim, seria uma grande noite e consegui apresentar e representar a lemanjá, sendo encorajada pela professora Paula Silva Pereira, que após a apresentação do espetáculo saiu, logo em seguida, chegou a Maria Rios para continuar com as aulas de dança, portanto, participei pouco das aulas dela.

Fui morar em uma fazenda próxima e já estava lá, há mais ou menos um ano, cursando o ensino superior de Pedagogia. As cobranças da faculdade foram muitas, estava com tantas responsabilidades, com relação à escola, estudos e filhas, que decidi abandonar a dança para me dedicar aos estudos e ao trabalho. Mesmo parecendo ser essa mulher forte que sou, tenho uma fraqueza que é o sentimento de ser sempre usada, isso pode ter relação com minha atitude de dar o primeiro

passo, entretanto, é uma das coisas que domino, podendo estar regado de felicidade, ansiedade ou de frustração. Não sou uma pessoa feliz, muitas das vezes, disfarço para não mostrar tanta fragilidade para os outros.

Do meu lugar de mãe, procurei trabalhar e batalhar para ajudar as minhas filhas, nos estudos ou na condução de suas vidas, jamais as abandoneis e nem deixei de apoiá-las quando precisaram. Em 2014, mais uma gravidez, esta, porém, eu esperava. Nesse momento, não morava com o pai da filha, nem tampouco preocupava com o que as pessoas pensavam ou falavam; as vivências, os sofrimentos e os tombos me fizeram crescer muito, dessa forma, tive a minha filha Sarah Sisnande, mas por muito tempo, o pai não procurou vê-la.

No dia 30 de janeiro de 2016 é o dia do aniversário do pai da minha filha, que antecede o meu, encontrei com ele no forró, nesse momento mostrou sua insatisfação sobre o porquê que eu estava naquele local, estando a Sarah em casa. Eu só ria e continuava a bailar feliz da vida por poder comemorar os meus 38 anos.

Hoje, mãe de três filhas lindas, cada uma com sua personalidade, prossigo com a minha batalha para continuar lutando pela sobrevivência e felicidade de cada uma delas, mesmo com esse meu jeito doido e voado de ser. Até aqui cheguei, mais uma vez, esforçando-me para atingir meus objetivos, entretanto, o foco estará, sempre, em torno das minhas filhas.

### 1.3 Mestrado: racismo na universidade e nos afetos?



Meu ingresso na universidade foi incentivado pela minha comadre Teka, a qual mais uma vez, acreditou no meu potencial e motivou-me no processo da construção da carta de intenção ao programa. Carta escrita! Fiquei na expectativa da resposta, além disso, obtive esse retorno que tinha sido aprovada, contribuindo simultaneamente para minha felicidade e sensação de medo, que me sobrevieram, nesse momento, este último, por sua vez veio regado de pensamento negativo, movido pela incapacidade frente a essa nova realidade acadêmica.

Igualmente na graduação, a minha experiência no programa de pós-graduação continuo a pesquisar o racismo na escola, transformando meu artigo em um projeto para o mestrado, só que dessa vez, incluindo a dança afro.

O projeto foi aprovado, participei da entrevista com duas doutoras e um doutor, vale ressaltar que havia apenas uma professora negra, enquanto os outrxs professorxs que estavam compondo a banca em sua maioria eram pessoas brancas. Enfatizo que naquele momento pensei que não fosse ser aprovada. Fui a última da noite a ser entrevistada e, mais uma vez, começaram os turbilhões de indagações, uma das pessoas da banca fez uma pergunta acerca das dificuldades que poderiam surgir, caso fosse aprovada na entrevista, ressalto que não sei de onde vinham as respostas com tanta segurança da minha parte.

Ali percebi que mesmo sendo um programa dedicado às Relações Étnico-raciais, ainda, havia o preconceito com as pessoas, isso acontece mesmo antes de conhecer, julgando a capacidade de pessoas negras, bem como as relações de ser e estar no mundo. O resultado da entrevista saiu: fui aprovada com

nota 8,2, confesso que fiquei feliz da vida por poder buscar mais um sonho e mostrar para as pessoas que é possível realizá-lo, quando temos forças e vontade de conquistar aquilo que almejamos.

Quando ingresse à universidade para cursar o Mestrado, estava passando por um momento muito conturbado da minha vida, pois recebi a seguinte notícia: a de que minha filha tinha sido diagnosticada com depressão profunda, nesse mesmo período fui agredida pelo meu companheiro o que contribuiu para a nossa separação. No entanto, diante da doença que assolava a vida da Isis, minha filha do meio, segui em frente para o dia de acolhimento da UFSB, pois, na ocasião, acabara de sair o resultado que ela tinha sido aprovada no IFBA — Campus de Eunápolis, com 60% de acertos na prova. Entretanto, deparo-me com os desafios e obstáculos, tendo que driblar todas as dificuldades e procurar lutar, mais uma vez, pela sobrevivência em meio aos problemas que queriam atrapalhar-me naquele momento.

Tive o apoio da minha filha mais velha no momento que mais precisei, ela passou a ser a minha mão direita dentro de casa, tomando conta da irmã mais nova e de todos os afazeres domésticos. Nessa esteira de pensamento, começaram os encontros na universidade, estava comportando-me de forma calada e sentindo-me sozinha, no entanto, conheci algumas pessoas que me identifiquei nos primeiros encontros foram elas: Sheila Katrine, Iraildes Bianco e Gilmaria Menezes, pessoas em que confiei e que fizemos tipo um pacto de amizade dentro da universidade com o propósito de sempre estarmos juntas. Essa, portanto, foi a maneira pela qual consegui fazer várias apresentações, como também dividi com elas, alguns dos meus problemas, as quais me ajudaram e deram-me forças naquele momento. Passando alguns dias, conheci um dos estudantes da turma de metodologia que me ouviu conversando e me despedindo rapidamente da professora, pois precisava ver um transporte para o centro, então ele me ofereceu uma carona e eu aceitei.

Na nossa descida ao centro, começamos a conversar e eu tão frágil com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo na minha vida, falei sobre coisas que até parecia que nos conhecíamos de outras vidas. A nossa amizade foi crescendo até que ele conseguiu ganhar a minha confiança, comecei, então, a observar aquele

moço tão simpático e prestativo, dono de uma inteligência e uma facilidade na sua oralidade, o que de fato estava colaborando para a minha atração Sapiosexual por ele, porque na verdade não era o tipo de homem que desejaria me relacionar por vários motivos, mas era tão compreensivo e atencioso com todos os meus problemas que passei a expressar sobre minhas dores, inclusive, tive a coragem de falar acerca do abuso que havia sofrido nos meus 17 anos, naquele momento só chorava; ele me ajudou a lidar com essa frustração.

Enfim, acabei me envolvendo demais, e hoje sofro quando não consigo falar com ele, meu confidente, onde encontrei o meu refúgio. A pessoa que mais me ajudou em todos os sentidos na minha vida em 2019. Então, essa atração Sapiosexual foi se transformando e hoje encontro-me, totalmente, envolvida e sofro por isso, pois não planejei nada desse tipo em minha vida, não sou assim, não é ou não era o meu perfil.

Encontro-me tão perdida que às vezes penso em desistir de tudo, a realidade é que esse amigo se distanciou e minha angústia de não poder conversar com ele só aumenta, as minhas noites se transformaram em dias de insônia, esperando por uma mensagem; quem sabe apenas um “oi”. Não sei mais viver sem ter a amizade dessa pessoa; se é que podemos chamar apenas de uma amizade comum, nos últimos dias a alegria de estar com uma pessoa com a qual encontrei refúgio e apoio dentro da universidade se transformou em choro, angústia e dor. Atração, paixão, poder ou amor?

A escrita na academia cada vez mais complexa, por várias vezes, sentia-me desmotivada para escrever, assim, a dificuldade com a escrita era uma situação inevitável. Ressalto que: o ato de escrever pode ter relação com o processo de gerar e parir um filho, parecendo mais uma gestação de risco, ou seja, um parto complicado. Mas, nada melhor do que nesses momentos adquirir a prática do relaxamento, bem como respirar e refletir sobre tudo que você está fazendo.

Teve o componente de Fundamentos da Educação que quase morri para escrever um artigo. Entrei em desespero, cortava o meu cabelo a cada lauda que não conseguia finalizar naquele momento. Uma bela noite, parei tudo e deixei de insistir naquele momento de tentar prosseguir com a escrita, então resolvi, sair à

noite, fui ao baile, a fim de esquecer aquele momento.

E assim, no dia seguinte, com a cabeça mais leve, voltei a escrever e, por fim, terminei o meu artigo, ficando indignada com a média 7,0 no final do componente. Resultado, chorei e sofri mais de um mês por ter tirado aquela nota, sentindo-me mais desmotivada ainda. Nunca imaginei tirar um 7,0, sei lá, tenho que aprender a lidar com as situações de uma forma melhor sem me colocar, ainda, mais para baixo e parar de sofrer antes, durante e após. Passar a resolver os meus problemas, buscando soluções para cada uma delas sem transparecer as minhas fraquezas para que eu mesma não venha inferiorizar-me diante das pessoas nem mesmo para não me passar de coitadinha. Percebo que a escrita faz com que nos libertamos de algo que nos prende em um passado oprimido. Por mais difícil que seja você relembrar alguns pontos da sua história, quando você termina de escrever cada parágrafo parece que você vai ficando mais leve, pois sua libertação acontecer a partir da sua própria escrita, fazendo com que você se perceba e que seja capaz de reviver tudo que se passou e se sair bem no final. Portanto, deixei aqui um pouco da minha história, marcada por rejeições, frustrações, sofrimentos, lutas, conquistas e sonhos, quase todos realizados, atravessados pelas décadas da minha vida.

A Escola é um lugar marcado por grupos diferentes, a qual oferece oportunidade de convivência com pessoas heterogêneas com relação suas histórias, subjetividade, cultura, entre outros. Nem sempre o respeito, bem como a propagação do conhecimento acerca da diversidade étnica-racial encontrou espaço no ambiente escolar. O Brasil, ainda, desconhece e ignora a sua própria história, como também seu processo de construção de identidades, que por sua vez afetaram e afetam o povo brasileiro.

É neste caso que as relações nacionais são introduzidas, no intuito de diminuir o preconceito em relação a sua própria história, que está relacionada à Lei nº 10.639 / 03, no caso de racismo no ambiente escolar, a lei prevê, como lidar com a história e cultura dos negros africanos no espaço educacional, enfatizando, a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. A lei visa, também, a implementação de conteúdo histórico e cultural do negro brasileiro e africano em África, sendo necessário o currículo escolar transcurricular.

Construir propostas de ensino para incorporar a história da África e cultura afro-brasileira nos últimos anos. Desse modo, a educação básica visa atender às necessidades dos professores da lei 10.639 / 2003 e 11.645 / de 2008, mudando para a lei 9.394 / 96 presentes no (Guia Nacional de Educação e Lei Básica - LDB), que discutem os tópicos obrigatórios para as questões afro-brasileiros, história e cultura indígena:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (grifos nossos). (BRASIL, 2008 *Apud* SANTOS,2016)

É importante destacar que a Lei nº 10.639 / 03 foi atualizada pela Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, a partir dessa legislação, as concepções da história da cultura afro-brasileira, como também os povos indígenas, tem contribuído para pensar a respeito da formação da população de brasileiros dessas duas raças, que por sua vez precisam estar presentes na construção do currículo escolar, principalmente nas áreas de Artes, Literatura e História do Brasil.

Essas alterações feitas na Lei nº 9.394/96, corroboram para o prosseguimento de indagações como: de que forma o material didático utilizado nas escolas públicas estaduais e/ou municipais do Estado da Bahia contemplam essa disposição legal? Que expectativas motivaram a criação dessa lei? Pretende-se pensar nessa problemática do ensino de história e de demais disciplinas, as quais possam contextualizar a respeito da cultura afro-brasileira, pois o tema possui grande relevância como conteúdo escolar a ser estudado, além de ser também um ato que colabora para a afirmação das diversidades culturais, étnicas e raciais existentes em nosso país.

Ao falar da Lei nº 11.645/08, devemos enfatizar o movimento negro que existia no Brasil desde a chegada dos africanos no século XVI, pois, os escravos se organizavam de várias formas e exigiam melhorias nas condições de vida e de trabalho. Porém, somente após o processo abolicionista, a sociedade interveio na luta pelos direitos, formando o movimento negro na luta contra o racismo e a exclusão. Por exemplo, desde então, a imprensa negra, a Frente Negra Brasileira (FNB) e a experiência negra Teatro (TEN), e outras associações (MATTOS, 2013).

Ex-escravizados e descendentes de afrodescendentes começaram a perceber que, para eles, não existiam espaços no mundo do trabalho e na sociedade brasileira no período pós-abolicionistas, por isso o campo da educação passou a ser uma proposição. Acreditando que deve ser estabelecido um mecanismo de combate à discriminação, que eles já tenham percebido, para que possam ter a oportunidade de se integrar à sociedade, sendo possível superá-la por meio da educação. (SANTOS, 2005).

As conquistas no campo da educação começaram na década de 1990, com Campanhas de demanda como a "*A Marcha Zumbi dos Palmares*", que ocorreu em 1995, entre outras coisas, fizeram com que os órgãos governamentais visassem materiais didáticos sistemáticos. Desse modo, foi necessário pensar em algumas perspectivas, tais como: ensinar ao público que pessoas negras e indígenas contribuem para o processo de formação da cultura e a história negra, que por sua vez foram marcadas pela estigmatização de inferioridade e do preconceito racial. Como resultado, o movimento de defesa dos negros e africanos ganhou revisões e até mesmo a publicação desses livros em alguns casos, por meio dessa participação, eles também foram reconhecidos a partir de leis municipais e estaduais, sendo necessária a incorporação de temas da história da África na aprendizagem dos negros brasileiros no ensino fundamental e médio.

Vale ressaltar que uma das recomendações do Projeto Político Pedagógico das escolas em que ministrei aulas, reconhece a ausência de apreciação de raça pela raça, analisando, também, conceitualmente o currículo brasileiro e como é tratamento em relação a cultura da África em escolas de ensino fundamental e médio aqui na Costa do Descobrimento, região em que atuo, conclui-se a

necessidade de falar sobre o problema. Dessa forma, os professores devem se posicionar e receber treinamento para entender as necessidades, a fim de contribuir no processo de inserção social de pessoas negras. Sendo de fundamental relevância ter a participação e presença de afrodescendentes no ambiente escolar, para que possam intervir ativamente, com intuito de reduzir as desigualdades que afetam as minorias étnicas.

Diante disso, é indispensável as discussões que dialogam com a história e cultura dos negros africanos, tendo essa vertente como premissa de efetivação como parte da construção de uma sociedade democrática. Na esteira desse pensamento, a questão da etnia busca coadunar com as perspectivas de igualdade e respeito, portanto, a Lei 10.639/03 auxilia para pensar na prática de igualdade de direitos de pessoas negras, uma vez que sua cultura vem passando pelos atravessamentos de estigma e preconceito, entretanto tem se a necessidade de problematizar essas questões e, sobretudo, buscar a garantia de direitos pautados na cidadania e igualdade racial.

O objetivo geral deste estudo é analisar a educação dentro do panorama das relações étnico-raciais a partir da implementação da lei 10.639/03, que discute as diferenças raciais nos espaços das instituições públicas. Além disso, esta pesquisa possui objetivos específicos para o estabelecimento de metas: Analisar a implementação da lei 10.639/03 e da posterior atualização na lei e nº 11.645/08 e suas funções efetivas; mostrar a situação de inferioridade racial vivenciada por estudantes afrodescendentes, como também verificar como professores e alunos resolvem conflitos raciais, por fim, analisar a eficácia dos planos de ação propostos por órgãos públicos.

Neste primeiro capítulo, falei um pouco da minha trajetória de vida, tanto pessoal como profissional e minha experiência como dançarina e professora em meu percurso até os dias atuais.

No segundo capítulo, farei a discussão como ocorre o preconceito no espaço escolar, bem como o processo de intervenção dos profissionais presentes neste espaço, a fim de combater o racismo e o preconceito entre as/os educandas/os e, até mesmo, entre as/os educadoras/es.

No terceiro capítulo, abordarei a respeito da dança afro tribal e a capoeira dentro do PPP da escola para que sejam trabalhados como parte do currículo e não como festas de comemorações, com intuito de que sejam contextualizadas: a história e a cultura negras de uma forma prazerosa e não de forma folclorizada. Por fim, o quarto capítulo, será destinado à construção e estruturação de dados da pesquisa, bem como se deu todo processo de construção desse estudo

## **2 PODE UMA NEGRA PENSAR A EDUCAÇÃO?**

**“Quando** uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. Ângela Davis

Em seu livro intitulado: *Pode um Subalterno falar* (2010)?, cuja escritora indiana Gayatri Chakravorty Spivak traz em seu bojo, algumas ambiguidades, possivelmente propositais sobre o lugar de fala do subalterno, e se esse lugar existe de fato, se tem de fato essa permissão de falar ou se sabe a respeito de quem tem a capacidade para falar? Nesse caso o subalterno aqui é representado pela mulher negra, aquela que está na base inferior da pirâmide social, dessa forma, quando a Angela Davis afirma que: quando uma mulher negra se movimenta, ela mexe com toda a estrutura da pirâmide, isso acontece porque quando a mulher negra tem acesso à educação tudo a sua volta se transforma. Desse modo, a educação é uma ferramenta de emancipação para a mulher negra que se faz imprescindível.

“O subalterno [...] não pode ser escutado ou lido?” Assim é que, no limite mesmo da minha pergunta, insinua-se, ainda, outra: pode um saber dominante escutar uma fala subalterna quando se manifesta?

Eu enquanto mulher negra e educadora, busquei fazer da minha prática pedagógica uma ferramenta de luta contra o racismo e garantir meu lugar de fala no mundo, sendo importante mostrar para meninos e meninas negros/as, como também para minhas filhas, e minhas/meus alunas/os, enfatizando de forma potente de que precisamos ser resistentes para não se abater pela crueldade das relações sociais racializadas. Noutros termos, sabemos que o racismo reinventou-se pós-abolição e, assim, hoje cria novas senzalas e novos feitores – a polícia é um

deles –, mas, para novas senzalas é preciso construir novos Quilombos, assim afirma Abdias Nascimento em seu poema.

Sabes que em cada coração de negro há um quilombo pulsando em cada barraco outras palmares crepita os fogos de Xangô iluminando nossa luta atual e passado. Por outro lado, a importância do meu trabalho, enquanto mulher negra, que pensa a educação deve se relacionar com a aplicabilidade da Lei 10.639, que debate a centralidade de inserir a História e a Cultura Afro brasileira no cotidiano dos estudantes da educação básica. A dança se transforma, assim, em veículo comunicativo e didático eficiente, tanto nas escolas públicas e privadas, quanto em espaços culturais, para o necessário enfrentamento da sociedade racializada e desigual em que vivemos.

Dessa forma, enquanto educadora negra, busco trabalhar minhas aulas dialogando com as questões de: auto representação, bem como buscar apontar o imaginário negativo construído sobre o negro e dessa forma elaborar um outro imaginário do homem negro e da mulher negra, não representado na TV e nas mídias, a fim de trazer essas discussões com minhas/eus alunas/es, e também mostrar para outras meninas e mulheres negras que podemos sim, pensar a educação do nosso ponto de vista, com base em nossas vivências, mulheres como Ângela Davis, Lelia Gonzalez, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo já nos provaram que é possível pensar e fazer educação.

**“Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente — minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio.”**

**Gloria Anzaldua**

---

[1] Poema escrito por Abdias Nascimento quando ele estava exilado nos Estados Unidos, Búfalo, 2 de fevereiro de 1981.

## 2.1 Discussões sobre as questões raciais no Brasil

No momento em que se fala sobre as contribuições dos povos negros para construção da sociedade rompe-se com a ideia que somente as/os europeias/us contribuíram referente ao conhecimento científico, intelectual e político. Portanto, é preciso desconstruir uma ideia estereotipada de que a população negra não ofertou subsídio para o desenvolvimento dessa nação.

Ao olhar essa temática, considero a importância da inserção da discussão das relações étnico-raciais, dos conhecimentos de matriz africana e afrodescendente na educação básica, sendo indispensável pensar: como a formação de professoras/es tem caminhado para dá conta dessas demandas, é preciso, também, compreender em que medida essas discussões têm ocorrido nos ambientes de formação inicial e continuada?

Esses apontamentos devem ocorrer na escola, mas não de maneira pontual, é preciso levar em consideração que existem dispositivos legais, mas também constituídos como fator importante para a construção de uma cidadania plena e de uma sociedade mais justa. São, portanto, 19 anos em 2002, desde a promulgação da lei 10.639/03, que insere os conhecimentos de matriz africana e afrodescendente bem como a história da África nos currículos da educação básica e alguns avanços conquistados. Porém, ainda existe muito a se fazer ainda mais quando se considera que grande parte desses avanços se materializam na escola em ações pontuais e, muitas vezes, folclóricas (COELHO; SOARES, 2015).

Ressalta-se, ainda, que o Brasil passou por um processo de eugenia, no qual buscava-se aperfeiçoar de forma física e intelectual a raça humana através de um processo de controle de procriação:

Quase todos problemas nacionais possuíam um subtexto racial: as subclasses de raças mistas e não brancas do Brasil eram, segundo a opinião geral, culturalmente atrasadas e, na opinião de alguns, racialmente degeneradas. A eugenia poderia resolver ambos os problemas (DÁVILA, 2006, p. 52).

Desta forma, discussões sobre questões raciais vêm destacando-se no Brasil devido à implantação das Leis 10.639/03 por meio da implantação da História da África e Cultura Afro-Brasileira e 11.645/08, que acrescentou à História Indígena, no

desenvolvimento social e cultural de uma sociedade, tentando amenizar a questão da discriminação racial no país e o alto índice de defasagem, dificuldades de aprendizagem e exclusão da criança negra no ensino brasileiro.

Para fundamentar esta reflexão a LDB (Lei de Diretrizes e Bases /96 Art. 26-A e 79 B) e os Parâmetros Curriculares Nacionais dedicam e incluem em sua estrutura documental, uma análise que tem como objetivo fundamentar, teoricamente, a Pluralidade Cultural e, conseqüentemente, visa a prática de toda essa teoria apresentada, tendo em vista o melhor desenvolvimento do processo educacional.

Contudo, ainda, não havia especificidade no que se refere a um currículo que abarcasse conteúdos de variadas culturas. A lacuna deu-se vazão à continuidade de uma prática descontextualizada, distante da realidade multicultural. Então, para referenciar a aplicação da LDB, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais publicados e distribuídos em 1997, editados em dez volumes. O décimo livro é o de pluralidade cultural, temática está definida como transversal no currículo, podendo perpassar as disciplinas das bases diversificadas. Souza (2001) afirma que:

[...] parte dos debates sobre a questão racial, desde o início dos anos 1980, foi materializada nos PCNs – Pluralidade Cultural. Creio ter sido uma tentativa de evidenciar as diferenças culturais e raciais, integrando-as ao currículo e atendendo às reivindicações do movimento negro. (SOUZA, 2001, p.54).

Os PCNs se traduzem, neste sentido, em uma proposta de articulação dos conteúdos de modo a contextualizá-los mediante a realidade vigente em cada região do país, cuja inserção deste item deve-se muito:

[...] às intervenções do Movimento Negro, seu empenho em trazer o tema à mesa de discussão da Educação no país e suas incansáveis iniciativas no que diz respeito à pesquisa e à divulgação do assunto. (NASCIMENTO, 2001, p.123).

Ao acompanhar as diretrizes constituintes, os PCNs possuem como foco de seus objetivos a valorização da diversidade cultural presente no todo real em que se inserem os estabelecimentos de ensino, ou seja, preza pela valorização das riquezas de uma região, de um povo, bem como o resgate e a preservação de

costumes e tradições. Entretanto, Souza destaca que “o texto não está integrado, não há corpo de ideias que ajudem a orientar e justificar as ações propostas”. (SOUZA, 2001, p.55).

Para romper com paradigmas preconceituosos, baseados no senso comum, diversos setores da sociedade apresentaram ao Congresso Nacional o pedido de lei, então aprovado e sancionado, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro brasileira”.

Percebe-se que o silêncio que atravessa tantos conflitos étnicos em nossa sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior das escolas. De modo silencioso no espaço escolar, ocorrem diversas situações, que influenciam o ensino e aprendizagem dos alunos, mostrando-lhes diferentes lugares para pessoas brancas e negras, contudo, faz-se necessário promover tal conscientização.

É necessário implantar ações práticas, de tudo que se diz e se analisa como correto, relativo à questão das dificuldades de aprendizagem da criança negra, para sua atuação futura na sociedade. O sistema de cotas permite muitas deduções e reflexões, entretanto, não existe uma bibliografia conclusiva sobre a questão, fazendo com que o presente trabalho venha a situar-se no nível de estudos exploratórios.

De acordo com Saviani (1994), um estudo exploratório ocupa o primeiro dos cinco níveis diferentes e sucessivos, sendo indicado “[...] quando existe pouco conhecimento sobre o fenômeno”. No momento em que se discute uma reforma estrutural para a educação superior no Brasil, surge com grande força no cenário nacional a polêmica questão da implantação do sistema de cotas étnicas, que afirma beneficiar as/os afro-descendentes.

É observado que no campo do Direito não existe um trato específico, no que se refere ao "Sistema de cotas raciais para o acesso à educação pública superior", durante toda história do Brasil, o racismo sempre existiu na nossa sociedade.

No seu plano de ação, a III Conferência Mundial recomendava, entre outras medidas, que os Estados desenvolvessem “ações afirmativas ou medidas de ação positivas, para promoverem o acesso de grupos de indivíduos que são ou podem vir

a ser vítimas de discriminação racial. É visível a existência da discriminação racial na sociedade brasileira, sendo de fundamental relevância atender às demandas da sociedade e, também, à comunidade internacional, agora conscientes da desigualdade racial existente no País. Reconhecendo que a:

III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, (2001). *Declaração de Durban e plano de ação*. Traduzido em língua portuguesa. Brasília: Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, p. 68.

Há quem aprove a medida das cotas e ache que a universidade está até mais "cordial" que a própria sociedade; assim como há quem afirme que seja mais uma forma de discriminação e segregação de raças; ainda existem os que defendem que o ideal seria investir na educação pública básica (ensino fundamental e médio) para que todo cidadão brasileiro possa concorrer ao vestibular em igualdade de condições independentemente da cor de sua pele, raça e da sua situação econômica.

Neste contexto traçado, surgem questões de caráter jurídico, como: Há diferenciação na educação básica entre afro-descendentes e pessoas brancas/os? As cotas seriam uma solução para a população de afro-descendentes? Há mesmo benefícios nesta ação? A cota para pessoas negras/os não as/os discriminam? Se admissíveis, as cotas, no ordenamento, quais os critérios e discriminações a serem adotados que respeitam a lógica da razoabilidade?

A atual composição racial da comunidade universitária é um reflexo da história do Brasil após a Abolição, pois existem poucas pessoas negras/os ingressando na vida acadêmica, nos cursos mais concorridos. O que não deixa de ser consequência da posição do Estado Brasileiro na virada do século XIX, que ao invés de investir na qualificação dos ex-escravizados, agora cidadãos do país, optou por substituir os poucos espaços de poder sob influência de que os negros haviam conquistado pelo estímulo à imigração europeia.

## 2.2 O preconceito racial na escola

O racismo na escola é apresentado nas mais diversas formas, além disso é praticado pelas/os colegas e professores, como também a falta de acesso a uma educação de qualidade são considerados uma das principais formas de violência do preconceito. Mesmo ocorrendo algumas mudanças, ainda prevalece o preconceito racial nas escolas, cujas pessoas negras são vistas como inferiores aos brancos. Os próprios livros didáticos deixam em evidências nas ilustrações de seus textos a apresentação com características estereotipadas.

Observa-se nas escolas tanto a de rede pública quanto a de cunho particular, que a classe dominante, em sua maioria branca, com isso, gerando a violência simbólica, o racismo oficial, tratando as crianças negras com apelidos, xingamentos e brincadeiras ofensivas, fazendo com que estas pessoas percam sua autoestima, isolando-se e assumindo uma postura diferente no ambiente escolar por não conseguir enfrentar o preconceito.

Esta situação, também, pode contribuir para a evasão escolar e para o alto índice de analfabetismo, deixando sequelas e estendendo até a sua vida adulta. Dessa forma, o preconceito racial nos espaços escolares impossibilita a democratização da educação dentro da escola.

De acordo Heller (1998, p.46), o preconceito está pautado em um forte componente emocional que faz com que os sujeitos se distanciam da razão. O afeto que se liga ao preconceito é uma fé irracional, algo vivido como crença, com poucas possibilidades de modificação. É neste sentido que a escola precisa mostrar para os alunos a verdadeira formação social do povo brasileiro, adotando uma política, que realmente apresente uma nova visão dessa população.

Enquanto Romão (2001, p.18), retrata que a reversão desse quadro será possível pelo reconhecimento da escola como reprodutora das diferenças étnicas, investindo na busca de estratégias que atendam às necessidades específicas de alunos negros, incentivando-os e estimulando-os nos níveis cognitivo, cultural e físico.

A escola, frente a esse fenômeno chamado racismo, especialmente, em sua complexidade vivida no âmbito escolar, tem, portanto como obrigação, a busca pela igualdade de seus integrantes. Além disso é de extrema importância que todo profissional desta área seja capacitado a evitar e solucionar possíveis problemas referentes a qualquer tipo de discriminação nas extensões escolares. E para isso, se necessário, utilizar-se de variadas formas, com intuito de veicular informações aos seus membros de forma que toda história seja mostrada em suas múltiplas facetas.

A sociedade tem mudado ao longo dos anos e a escola de modo geral tem acompanhado essas mudanças, porém os objetivos dos ambientes escolares são diferentes, se comparados aos propostos no passado. Atualmente, a formação de professores tanto inicial quanto continuada, tem se preocupado em abordar temas sociais presentes em sala de aula, pois assim, acredita-se que os alunos tendo essas discussões no ambiente escolar, podendo, então, desenvolver melhor suas habilidades e serem formados na perspectiva cidadã.

Hoje, pensa-se mais sobre as finalidades dos conteúdos apresentados aos alunos, considerando que as demandas atuais estão em processo de mudanças. Além disso, é preciso valorizar a diversidade presente em sala de aula e a única forma de atingir esse patamar diz respeito ao processo de análise com relação as diferenças, as quais acontecem e se apresentam para o professor e para a escola de maneira geral.

As escolas, ainda, são os maiores espaços, sistematizados pela vertente da aprendizagem dos conhecimentos sobre a cultura, ciência, economia, política, entre outros temas, portanto, é preciso que o ensino aborde seus objetivos pré-estabelecidos, além disso, é preciso que os professores mostrem que o conhecimento sofre alterações mediante o contexto histórico, além de ser mutável e influenciado pela configuração política. Dessa forma, debater sobre essas questões, também, é um importante passo para se formar o cidadão.

Percebe-se que as sociedades humanas têm apresentado, cada vez mais, as influências sociais, culturais e econômicas de maneira bem complexa e, nesse sentido, a educação não pode deixar de tratar essas questões complexas, uma vez

que é de fundamental importância que a educação seja pautada nos direitos humanos e no respeito às diferenças.

### **2.3 Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação**

Nas diversas modalidades de ensino fundamental, médio, Educação de jovens e adultos (EJA) e superior, é notório que o atendimento às populações brancas e negras demonstram, ainda, um alto quadro de desigualdades.

Mesmo antes de a Constituição Brasileira de 1988 aplicar o princípio de que o acesso ao Ensino Básico é direito público subjetivo, tanto o Governo Federal, assim como os estaduais e municipais priorizam programas de construção de escolas e contratação de professores para atendimento de crianças de 6 a 14 anos. Criou-se no Brasil um grande sistema de Ensino Fundamental, que atende hoje a quase totalidade das crianças de 6 a 14 anos. Contudo, a escola continua sendo um produto social desigualmente distribuído, cuja noção de qualidade no ensino traduz uma ideia complicada e distante.

Atualmente a escola vem passando por processo de formulação, adaptando ainda de forma desafiadora diante do contexto pós- pandêmico. Mesmo que de forma fragilizada aos poucos o contexto escolar vai se adequando, a fim de atender as/os alunas/os, até as coisas melhorarem.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) no Brasil, reconhece que, além da formação acadêmica, a escola deve contemplar uma formação ética e social do aluno, bem como o desenvolvimento de sua autonomia pessoal, a questão da cidadania e um pensamento crítico.

As diferentes dimensões da frequência à escola (o acesso, a permanência, a promoção e a conclusão) têm sido medidas em vários levantamentos oficiais realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do Censo Populacional e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), e pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do Censo Escolar.

É preciso entender os acontecimentos da qualidade da Educação e da desigualdade educacional com dados de desempenho acadêmico. Isso é possível hoje, usando os dados obtidos com o (Sistema de Avaliação da Educação Básica)

SAEB, organizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) do MEC. Pretende-se caracterizar o desempenho escolar dos alunos, segundo os grupos de etnia, e as estruturas escolares que favorecem um melhor desempenho de uma forma geral e que, também, diminuem as desigualdades. Com essa formulação não há uma distinção entre "cor", "raça" ou "origem étnica" no sentido discutido por Guimarães (1995) e Schwartzman (1999). Outro aspecto a ser observado é que a forma dessa pergunta se difere dos levantamentos do IBGE, que classifica a cor ou raça dos entrevistados, segundo as categorias: branca, preta, amarela, parda ou indígena.

Munanga (2004), propõe que a identidade negra deve ser pensada como identidade política, formada a partir da pluralidade de processos de identidade cultural entre “negros, brancos ou amarelo”.

É de suma importância observar que tanto a Lei nº 10.639/2003 quanto os demais documentos relacionados a secretaria de Educação Continuada e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação (MEC), reconhecem o não cumprimento da legislação e projeta para 2010, o início de uma reversão na deficiência pedagógica atual, além disso busca promover o devido reconhecimento dessa parcela da população para o desenvolvimento nacional a partir da garantia de metas, tais como:

[...] o direito dos negros, assim como de todos os cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino de diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais entre eles descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade para todos, assim como é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (BRASIL/ CNE, 2004, p.11).

O processo educativo pode ser uma via de acesso ao resgate da autoestima, da autonomia e das imagens distorcidas, pois a escola é o ponto de encontro e de embate das diferenças étnicas, podendo ser instrumento eficaz para diminuir e

prevenir o processo de exclusão social e incorporação do preconceito pelas crianças negras.

“Simon (2003), afirma que as escolas têm sido compreendidas como locais centrais, nos quais vários grupos têm tentado constituir noções de autoridade cultural, como também regular a forma pela qual as pessoas compreendem a si próprias, as suas relações com as outras e seus ambientes sociais e físicos. Tais processos revelam que as escolas não são meros reflexos das relações travadas no seio da sociedade, mas que possuem modos de organização, construídos em suas práticas específicas, sendo, portanto, capazes de instaurar mecanismos de transformação e mudança”<sup>1</sup>.

Na concepção de Gomes (2004), a noção acerca da democracia pressupõe o reconhecimento e a valorização da diferença. Então, por que a insistência no silenciamento e dissimulação destas diferenças? Por que não revelar os nomes dos candidatos oriundos das cotas? Por que temer a divulgação dos nomes desses candidatos que entrarem na universidade pela porta do programa de reserva de vagas? É uma porta menos nobre? Se a discriminação ocorrer, não é o racismo e a crença na inferioridade dos negros que está a enviesar o olhar das pessoas?

Tais indagações conduzem-nos a reafirmar que a discriminação no âmbito da universidade, entretanto, o Sistema de Cotas destinadas aos negros, da maneira como está sendo colocado, escolhe um fator de discriminação que não deflui correlação lógica com o fundamento do tratamento diferenciado postulado, que é a escassez de afrodescendentes nas universidades públicas. Percebe-se que isso ocorre como um prolongamento de práticas construídas externamente, que não está associada a um suposto rebaixamento do ensino, mas a um racismo estrutural que condena negros e negras a uma condição do ponto de vista social e econômico.

O autor Silvia Almeida (2018, p. 38), ajuda a pensar a partir da vertente do racismo estrutural que se constitui “como processo histórico e político, que cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistêmica”. Em vista disso, é interessante observar

---

<sup>1</sup> Cotas na universidade pública—direito ou privilégio? GM Veloso - Revista Unimontes Científica, 2006 - [periodicos.unimontes.br](http://periodicos.unimontes.br)

que a organização política e econômica da sociedade coopera com a manutenção do racismo no tecido social, bem como dificulta os processos de organização e resistência do povo negro aos níveis de expropriação dos direitos. O racismo veio de um processo histórico que perpetua até nos dias de hoje em distintas esferas sociais.

Nesse sentido, parece ser evidente a necessidade do estabelecimento de cotas, para romper com os fatores que aumentam os preconceitos e as discriminações, produzindo condições de mobilidade social e acesso às camadas populares, assim como os bens materiais e culturais produzidos pela sociedade. Desse modo, não basta diagnosticar a realidade, é de fundamental relevância fazer intervenções na estrutura social, a qual inferioriza e desqualifica a população negra, Carvalho, afirma que:

Identificar, portanto, as pontes de intervenção é apenas constatar e concluir mais uma vez que a desigualdade é consequência da falta de intervenção que deveria ter sido realizada pelo mesmo grupo social ou racial (os brancos) que fez o diagnóstico da repetição da desigualdade (CARVALHO, 2004, p 65).

O autor afirma, ainda, que “aquele que poderia intervir e não intervém conhece os efeitos que seriam produzidos por uma intervenção sua que ele mesmo decidiu que não acontecerá” (Carvalho, 2004, p.65). A adoção da reserva de vagas na universidade pode provocar mudanças na estrutura social, como também produzir deslocamentos de poder, criando condições para a participação de segmentos excluídos na dinâmica da mobilidade social por meio um processo em que a democracia deixa de ser meramente simbólica, transformando-se em possibilidade real e garantia de acesso aos bens sociais, culturais e econômicos.

Na concepção de Gomes (2004), a noção acerca da democracia pressupõe o reconhecimento e a valorização da diferença. Então, por que a insistência no silenciamento e dissimulação destas diferenças? Por que não revelar os nomes dos candidatos oriundos das cotas? Por que temer a divulgação dos nomes desses candidatos que entrarem na universidade pela porta do programa de reserva de vagas? É uma porta menos nobre? Se a discriminação ocorrer, não é o racismo e a crença na inferioridade dos negros que está a enviesar o olhar das pessoas?”.

Percebe-se que isso ocorre como um prolongamento de práticas construídas externamente, que não está associada a um suposto rebaixamento do ensino, mas a um racismo estrutural que condena negros e negras a uma condição do ponto de vista social e econômico.

Parece ser evidente a necessidade do estabelecimento de cotas, para romper com os fatores que aumentam os preconceitos e as discriminações, produzindo condições de mobilidade social e acesso às camadas populares, assim como os bens materiais e culturais produzidos pela sociedade”<sup>2</sup>.

A adoção da reserva de vagas na universidade pode provocar mudanças na estrutura social, como também produzir deslocamentos de poder, criando condições para a participação de segmentos excluídos na dinâmica da mobilidade social por meio um processo em que a democracia deixa de ser meramente simbólica, transformando-se em possibilidade real e garantia de acesso aos bens sociais, culturais e econômicos”<sup>3</sup>

## **2.4 Reflexões sobre a valorização da negritude**

Ao falar sobre identidade nacional, podemos concluir que é uma criação nova, que começou a ser construída no século XVIII, mas se consolidou no século XIX. Ao observar a história, verifica-se que não havia antes desse período um conceito de nações propriamente ditas, e isso podia ser notada na Europa e nos outros países. Os livros de história já narravam o desapego que os reis tinham com os países, mediante a necessidade de valorizar, apenas a dinastia. Um evento que demonstra bem essa situação é quando o D. João VI, vai embora do Brasil, mas

---

<sup>2</sup> Cotas na universidade pública – direito ou privilégio? Geisa Magela Veloso

Cotas na universidade pública – direito ou privilégio? Racial quotas at the public university - right or privilege?

<sup>3</sup>

deixa um recado para seu filho: “Pedro, se o Brasil vier a separar-se de Portugal, põe a Coroa sobre tua cabeça, que hás de me respeitar, antes que algum aventureiro lance mão dela” (FIORIN, 2009).

Para a construção de uma nação, é preciso seguir alguns parâmetros de investigação sobre a construção da cultura de determinados povos, em algum momento é preciso, criar e definir alguns elementos. Buscar a história dos ancestrais comum é um primeiro passo a seguir. Portanto a nação nasce de uma investigação coesa e de um postulado, além disso deve:

Apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais Como hino, bandeira, escudo; identificar cações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo. (FIORIN, 2009, p.15).

O Brasil foi a primeira experiência bem-sucedida de criação de uma nova nação fora da Europa, outro fato determinante é que a identidade nacional é um discurso e, por isso, ela, como qualquer outro discurso, é constituída dialogicamente (GUSMÃO, 2013).

Fernandes (2005), afirmava que muitos antropólogos, historiadores e cientistas sociais, a exemplo de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Fernando de Azevedo e, mais recentemente, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Roberto da Matta, Alfredo Bosi e Renato Ortiz, já se tentavam definir e compreender a cultura brasileira em seus múltiplos aspectos.

Algo que é unânime entre os pesquisadores tem relação com a característica marcante de nossa cultura, bem como a riqueza de sua diversidade, que com certeza é fruto de um processo histórico-social e da característica continentais de nossa territorialidade. Essa grande diversidade nos faz ter a “ousadia” de afirmar que o Brasil possui “culturas brasileiras”, ao invés de “cultura brasileira”.

Apesar da influência marcante da cultura de matriz europeia por força da colonização ibérica em nosso país, a cultura tida como dominante não conseguiu, de todo, apagar as culturas indígena e

africana. Muito pelo contrário, o colonizador europeu deixou-se influenciar pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. No entanto, o modelo de organização implantado pelos portugueses também se fez presente no campo da educação e da cultura. Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços (FERNANDES, 2015, p.14).

Em busca da história da construção da sociedade, nota-se que o que é passado pelos livros, instituições educacionais em nosso país por meio dos currículos, programas de ensino, mostram uma preponderância da cultura dita “superior e civilizada”, de matriz europeia. Ao analisar os livros didáticos, principalmente, os de história, percebe-se que estão permeados por concepções positivistas da historiografia brasileira, em que se observa que os chamados “heróis nacionais”, geralmente são brancos, além disso, não considera a participação das minorias étnicas, especialmente índios e negros, entretanto quando aparecem nos livros são apresentados de forma pejorativa, preconceituosa ou estereotipada (GOMES, 2002).

A história é, sempre, contada pelo mesmo prisma, de forma monocultural e eurocêntrica de nosso passado, ao narrar a “História do Brasil”, destacam a chegada dos portugueses, denominando a como “descobrimento do Brasil”, e sobretudo ignora-se a presença indígena anterior ao processo de conquista e colonização.

Uma valorização das/os portuguesas/es, reconhecendo como desbravadoras/es e únicas/os responsáveis pela ocupação do território brasileiro, sem destacar os genocídios e etnocídio praticados contra as populações indígenas no Brasil:

Eram cerca de 5 milhões à época do chamado “descobrimento”, hoje não passam de 350 mil índios. Os africanos, que aportaram em nosso território na condição de escravos, são vistos como mercadoria e objeto nas mãos de seus proprietários. Nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileiras, embora tenha sido ele a mão-de-obra predominante na produção da riqueza nacional, trabalhando na cultura canaveira, na extração aurífera, no desenvolvimento da pecuária e no cultivo do café, em diferentes momentos de nosso processo histórico. Quando

se trata de abordar a cultura dessas minorias, ela é vista de forma folclorizada e pitoresca, como mero legado deixado por índios e negros, mas dando-se ao europeu a condição de portador de uma “cultura superior e civilizada”. Currículos e manuais didáticos que silenciam e chegam até a omitir a condição de sujeitos históricos às populações negras e ameríndias têm contribuído para elevar os índices de evasão e repetência de crianças provenientes dos estratos sociais mais pobres (FERNANDES, 2015, p.14).

Para colaborar nesse sentido Domingues (2007), apresenta que o Movimento Negro vem lutando para evidenciar as lutas de classes e para além disso tem mostrado a importância do povo negro na construção da sociedade brasileira.

Esse movimento surgiu para lutar de maneira sistematizada pelos direitos dos negros, sua primeira fase ocorreu na República (1889-1937), um ano após a abolição da escravatura, em que foi proclamada a república, de modo que esse novo sistema político não assegurou o povo negro e sim o marginalizou.

Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação. Em São Paulo, apareceram o Club 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propagadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos(1917); no Rio de Janeiro, o Centro da Federação dos Homens de Cor;<sup>6</sup> em Pelotas/ RG, a Sociedade Progresso da Raça Africana (1891); em Lages/SC, o Centro Cívico Cruz e Souza (1918).<sup>7</sup> Em São Paulo, a agremiação negra mais antiga desse período foi o Clube 28 de Setembro, constituído em 1897. As maiores delas foram o Grupo Dramático e Recreativo Kosmos e o Centro Cívico Palmares, fundados em 1908 e 1926, respectivamente (DOMINGUES, 2007, p.45).

É nesse sentido que a escola entra como um espaço favorável a partir da construção de saberes referente a formação da sociedade brasileira. Em conformidade com essa ideia, Gomes (2002), afirma que existem muitas discussões acerca da importância do ambiente escolar, como também é preciso entendê-lo como um espaço formados de saberes que extrapolam o conhecimento hegemônico, para que seja levado em consideração saberes sociais, culturais,

políticos e econômicos. Além disso, a construção desses saberes ajuda no processo de construção identitária dos indivíduos e no processo de humanização.

Por essa perspectiva, a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. Aos poucos, os educadores e as educadoras vêm interessando-se cada vez mais pelos estudos que articulam educação, cultura e relações raciais. Temas como a representação do negro nos livros didáticos, o silêncio sobre a questão racial na escola, a educação de mulheres negras, relações raciais e educação infantil, negros e currículo, entre outros, começam a ser incorporados na produção teórica educacional.

Porém, apesar desses avanços, ainda nos falta equacionar alguns aspectos (GOMES, 2002, p.48)

Observa que o Brasil é um país que apresenta uma grande diversidade nos aspectos econômicos, em números de habitantes e também, grandes contrastes sociais e desigualdades. É um país com características singulares no tocante aos aspectos históricos e socioculturais (MUNANGA E GOMES, 2006, p. 14). Compreender estes aspectos pressupõe conhecer a história e a cultura de vários povos que se encontraram e contribuíram direta e indiretamente para a formação da identidade cultural desta nação.

Nota-se que a diversidade étnica presente na história do Brasil é formada por três grupos que são: o branco, o índio e o negro vindo da África, criando a miscigenação de cores e raças e com isso vem contribuindo para prática de efetivação do racismo. A escravidão deixou marcas profundas em nossa sociedade, marcas de séculos e séculos atrás, que parece nunca acabar. A dominação ocorreu através da ocupação das terras, visando assegurar a exploração econômica. No entanto, não contavam com mão de obra para realizar a exploração da matéria-prima abundante, que se apresentava de forma diversificada e em todas as áreas do território.

Com esse regime escravista, o Brasil se constituiu em uma sociedade assimétrica, que tem no seio de sua história, classes distintas. Uma, emanada dos bens e serviços e outras desprovidas dos direitos básicos necessários à sua sobrevivência. Através da escravidão do negro, a colônia produziu riquezas para

sustentar a Metrópole portuguesa, utilizando-se tanto dos recursos naturais como da produção agrícola.

A historiografia não esclarece com exatidão o início da deportação dos primeiros africanos para o Brasil, no entanto alguns autores afirmam que a chegada desses povos ocorreu a partir do século XVI, através da rota transatlântica, oriundos da África Ocidental, África Centro Ocidental e África austral (MUNANGA e GOMES, 2008, p. 20).

Cotidianamente, os meios de comunicação têm veiculado a questão da diversidade cultural brasileira, o que corrobora para o reconhecimento a nível internacional, tornando um homogeneizante diante de outras nações. Entende-se que essa diversidade cultural é oriunda do processo de colonização, no qual o Brasil foi submetido, resultando numa diversidade que se constitui como a essência do povo brasileiro.

Entende-se que a negação da identidade negra de alguns pode, também, ser atribuída aos séculos de silenciamento e esquecimento a que foram relegados. Esse silenciamento, provavelmente, provocou o isolamento desses povos, ocasionando a eles uma reconfiguração e ressignificação da sua história, identidade, atualizando-a, de acordo com suas necessidades. Percebe-se que o silêncio que atravessa tantos conflitos étnicos em nossa sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior das escolas.

## **2.5 As danças afro brasileiras na construção da identidade racial**

Ao realizar um breve levantamento histórico sobre os africanos que foram escravizados no Brasil, nota-se que eles trouxeram consigo experiências culturais como:

Rituais de celebração, valores, linguagens, religiões, costumes, vestimentas, penteados, canções, danças, folhas, tambores variados, conhecimento científico (no campo da agricultura, da metalurgia, da pesca, etc.), os modos de preparar os alimentos e o gosto por determinados ingredientes e a sua introdução na cozinha brasileira revelam, de alguma maneira, a necessidade que os africanos tinham de interagir com a realidade que lhes era apresentada. Essa “troca de sabores representava também uma troca de saberes entre os

diversos grupos que compunham a sociedade colonial”. (PEREIRA,2010, P.22-23).

Essa diversificação cultural pode ser pelo fato de que os africanos trazidos ao Brasil incluíam pessoas vindas de nações diferentes que foram juntadas num mesmo grupo. Porém, aos poucos as diferenças foram sendo amenizadas, em que passaram a conviver entre si e com seus senhores de ascendência portuguesa, surgindo à cultura afro-brasileira, em que as diferenças étnicas ficaram em segundo plano.

Além disso, trouxeram também a história e a memória de seu povo por meio da tradição oral, que foi e vem sendo transmitida, retransmitida e ressignificada. No entanto, no início da colonização, as formas culturais dos povos indígenas e também as dos portugueses e africanos encontravam-se em suas formas originais. No decorrer dos séculos é que se “delineou uma “cultura brasileira” que surgiu a partir da interação das diferentes culturas (indígenas europeus e africanos). Mas, nem sempre essa interação se deu de forma pacífica” (Wehling, 1999, p. 2830).

O tratamento que a sociedade colonizadora deu aos africanos e aos seus descendentes perpassou os anais da história e foi caracterizado pela violência, por preconceitos e discriminações.

Aos olhos das elites brasileiras os aspectos referentes às culturas africanas passaram a representar o exótico e o estranho, não sendo levados em conta como um fator, entre outros aspectos, de formação de nossas identidades. (PEREIRA, 2010, P.22).

Essa visão de subalternidade implantada sobre a população negra perpassou os séculos da história brasileira e serviu para abater a identidade dos descendentes negros, determinando sua posição na sociedade, nos espaços públicos, no mercado de trabalho e nos logradouros.

A historiografia que trata desse aspecto tem discutido que essa visão de serviçal foi aliada a conceitos pejorativos como ignorante, inculto, incivilizado, primitivo entre outros apelidos que inferiorizam e abatem a estima dos afrodescendentes e impossibilita sua ascensão social. A respeito dessa cultura de dominação que causou a supressão da cultura dos africanos que foram escravizados no Brasil, BOFF diz que a violência fez com que os violentados:

Internalizasse dentro de si um opressor; para sobreviverem, tiveram de assumir a religião, os costumes, a língua de seus opressores; tiveram de desenvolver a estratégia de sobrevivência do “jeitinho”, para nunca dizerem não e, ao mesmo tempo, poderem conseguir um direito ou um objetivo que de outra forma jamais alcançariam; para ascenderem na sociedade dominada pelos brancos, muitos tiveram de embranquecer seu modo de ser e de pensar; tiveram de negarem-se a si mesmos, como cultura e como etnia; a força de serem inferiorizados e negados acabou perdendo a autoimagem e as dimensões de seu extraordinário papel civilizador na construção do Brasil. (BOFF, 2000, p.122).

Esse processo de segregação pode ter contribuído para a consolidação de ações preconceituosas que alimentou uma visão do negro como inculto, ignorante e incivilizado. Além disso, nos coloca, a nível mundial, em desigualdade de informações, especialmente nos conteúdos escolares, tendo em vista que existe uma ampla abordagem da história europeia e uma total ausência da história africana nos currículos, levando a ideia de que não houve a presença da África no Brasil.

Neste sentido, faz-se necessário compreender a situação do Brasil, após 1500. A história passa a ser delineada entre indígenas, africanos e europeus, entretanto, no decorrer da história nacional, o acervo cultural africano fica sem ser integrado na história nacional. “A maioria das pesquisas sobre a questão negra, vem escrita pela mão branca; portanto, na perspectiva da “casa grande”, com uma epistemologia marcada pelos interesses dos agentes de dominação e de seus aliados.” (BOFF 2000, p. 123). Tudo isso pode ter sido traçado e executado estrategicamente com intuito de manter a supremacia de uma classe (elite branca) sobre os demais segmentos da sociedade.

Portanto, é preciso reconstruir esta história e contá-la de forma justa e íntegra trazendo à tona as realizações do povo africano e dessa forma minorar a ignorância reinante no país nesse campo. Pois, existe um déficit para com a população atual em relação ao saber sobre o negro, bem como a valorização desse conhecimento, a luta, as formas de resistência, às práticas que estão presentes, até os dias atuais, nas comunidades negras, no entanto, falta devolver a essa população, o direito a suas terras, habitação, educação, saúde e participação nos diversos espaços da sociedade, assim como:

O discurso, sua capacidade de nomear-se, de elaborar a consciência de si para si mesmo, com momento de uma consciência para o outro, de resgatar as matrizes de sua ciência para o outro, de resgatar as matrizes de sua experiência histórica de sofrimento e liberdade. Essa consciência histórica precisa ser conhecida e problematizada. A luz dos problemas que a população negra enfrenta até os dias atuais para sobreviver em uma sociedade, onde a história ainda é contada pelos “brancos”. De modo que a história da “barbárie branca, para introjetar-lá de dentro de si e elaborar uma prática que a supera e lhe tira as condições históricas de sua reprodução. (BOFF, 2000, p. 124)

Mesmo diante de um sistema opressor, a população negra conseguiu transformar todos os padrões de suas culturas em um espaço cultural de resistência social. Entretanto, a luta política dos negros, especialmente pelo direito à educação, terra, lazer, trabalho, respeito têm sido desafios que perpassam os séculos até os dias atuais. Uma das suas culturas encontra-se na dança afro, que mesmo sendo uma linguagem diferente da fala e da escrita, busca ajudar a criança no senso crítico da consciência corporal e compreender como seu corpo relaciona com o espaço, ajudando a vencer o preconceito racial.

Neste processo de formação do ser humano, a dança afro está associada diretamente ao seu desenvolvimento e sua relação com o mundo. Segundo os autores Wlamyra Ribeiro de Albuquerque e Walter Fraga Filho (2009, p.8).

Não é possível que a gente construa identidade fora de uma cultura. Por isso toda identidade diz respeito a determinado contexto. Então cultura aqui diz respeito a manifestações coletivas, como festas e Crenças religiosas, mas também a padrões associativos e a atitudes compartilhadas pela coletividade. Pensar sobre cultura é fundamental para entendermos [...] a própria formação da nossa sociedade.

No entanto, é necessário que a escola saiba lidar com o contexto, preparando profissionais e que os grupos de dança sejam planejados, atendendo o ambiente escolar, de forma que o educando tenha uma nova perspectiva da aprendizagem, construindo assim, seu próprio conhecimento acerca das coisas do mundo a partir de relação que estabelecida com a dinâmica que envolve o processo de ensino e aprendizagem.

É preciso explicar essa realidade e discutir os dados no espaço escolar e apontar a necessidade de compreensão do assunto para a sociedade. Sendo

relevante descrever que o processo de luta ocorre de forma indispensável através do diálogo embasado pelas questões da política e pelo atravessamento social, que podem cooperar na produção de materiais bibliográficos, contando com grande número de escritores, comprometidos com a vida real desta nação, a fim de reconhecer o ideário de igualdade como ponto de partida e fazer isso de forma responsável.

### **3 DANÇAS AFRO BRASILEIRAS: UM LEGADO PARA POUCOS**

Este capítulo traz um pouco da origem e história das danças afro-brasileiras e suas contribuições para a formação da cultura do povo brasileiro, contando com a participação dos povos africanos no solo brasileiro, reconhecendo, também, a chegada destas pessoas africanas ao Brasil no período da colonização. Desse modo, negros/as foram trazidos a força de suas origens, arrancados de lá e pra cá, tirando-lhes a esperança de ser um povo livre.

O presente estudo estabelece ainda um diálogo entre história e novas linguagens, neste caso a dança pode auxiliar no processo de ensino de história e possibilidade para desenvolver uma educação antirracista. Em um país como o Brasil, onde elogia-se a diferença, mas evita-se discuti-la criticamente, pois apresenta essas relações de forma conflituosas, precisa possibilitar a quebra ou ruptura do silenciamento dos corpos, provocando um debate que mobilize os agentes de pensamento contemporâneo em dança.

A dança afro-brasileira, tal como se conhece hoje, foi criada e sistematizada na década de 1950 pela bailarina Mercedes Baptista, a primeira negra a compor o corpo do baile e se apresentar no palco do Teatro Municipal no Rio de Janeiro. Ela concedeu a dança cênica resultante da fusão da dança moderna norte americana com danças de matriz africana no Brasil.

A ilustre Mercedes Baptista, é uma mulher mestiça, filha de uma empregada doméstica. Ela nasceu em 1930 em Campos, interior fluminense. Quando criança se mudou para o Rio de Janeiro, nesse momento foi a primeira vez, segundo ela, que começou a atuar como dançarina, recebendo a possibilidade de ser tornar uma garota nos teatros de revista. Nesse momento, ela agarrou a

possibilidade de fazer uma carreira teatral, a qual tornou possível naquele contexto histórico para moças bonitas e talentosas, mesmo que negras e pobres.

Desse modo, Mercedes pode iniciar uma formação enquanto bailarina, para além disso, ela pôde conviver com Haroldo Costa, Solano Trindade, Ruth de Souza, Santa Rosa, entre outros e, sendo bailarina, começou a coreografar, contando com a contribuição do grupo em busca de uma identidade afro-brasileira, ocupando, também, o espaço da militância do Teatro Experimental do Negro, por meio da dança.

Essa artista ajuda a pensar a cultura afro-brasileira presente na dança afro a partir de um repertório diverso, marcado pela presença da negritude nesse espaço corporal como lugar afirmação de identidade e resistência.

Uma das características da cultura africana é a oralidade, como também o conhecimento de filosofias e crenças que são passados de pai/mãe para filhas/os desde os tempos imemoriais nos mais diversos campos da vida africana.

Levando em conta a diversidade de recursos que podem ser utilizados pelo professor e reconhecendo a relevância que a dança-afro tem como um dos instrumentos de ensino-aprendizagem e por ser totalmente acessível para os alunos. Dessa forma, busca –se aqui, dialogar com a relação existente entre o corpo, movimento, a linguagem oral através dos sons e instrumentos musicais, bem como as questões sociais, refletindo sobre os questionamento e denúncia a violência, racismo e exclusão que estão submetidas as populações negras na sociedade brasileira, tendo como referencial, os diversos tipos de dança afro entre estes a capoeira.

A dança afro, de acordo seu contexto, pode constituir um componente lúdico e cognitivo, apresenta dessa forma evidências, registros, manifestações culturais, conceitos, ou seja, é fruto de uma sociedade, constituindo-se de objeto cultural dessa sociedade. Diante disso a análise deve levar em conta seu contexto sócio cultural. Cultural<sup>4</sup>, ao qual essa pesquisa se debruça, é uma nova forma de

---

<sup>4</sup> . De acordo com Chartier (1985) a História Cultural é um conjunto de signos, símbolos, marcas, construídas pela experiência humana de uma época e de uma sociedade. Segundo ele a História Cultural está ligada à subjetividade das representações identificando como a realidade é construída, pensada e dada a ler.

fazer história.

Abrindo espaço para novas e diferentes questões, para a utilização de objetos e procedimentos diferenciados. Uma das características social e cultural, é trazer à tona o indivíduo como sujeito da história a partir da sua diversidade, ancestralidade, como também das distintas maneiras de ser estar no mundo por meio de práticas sociais circunscritas nos atravessamentos dos corpos movidos de significações e representações sociais e culturais.

### **3.1 Origem e história das danças afro-brasileiras**

As danças afro-brasileiras são reconhecidas como uma técnica corporal e sua prática acontece há décadas, sendo praticada há muito tempo. Assim, descobrir e assumir suas origens, é importante para que possam, a partir delas, criar e afirmar sua identidade de sujeitos histórico e social.

A dança afro surgiu no Brasil no período colonial, os africanos foram retirados de seu país de origem para serem escravizados nas terras brasileiras. As primeiras composições da dança foram de caráter religioso através do candomblé que deram origem a dança dos caboclos e outras que faziam parte da cultura africana. As tribos sudaneses e bantos que são povos africanos e os indígenas contribuíram para origem da dança afro.

As danças de origem africana são coletivas, ricas em movimento, que refletem uma sociedade tribal com uma integração social e uma tentativa de representar a força da terra e a alegria de viver (ROBATO, 1994).

Para tanto, de acordo suas origens, quando se trata das danças afro, é possível referir-se a várias denominações como dança dos orixás, danças de matriz Africana, danças Afro do Guiné, danças afro brasileiras, dentre outras, tendo no seu âmbito a influência dos negros africanos, como também as riquezas que fazem parte de uma história.

Desde os tempos coloniais, no contexto da cultura afro-brasileira, a capoeira destacou-se como uma das técnicas de defesa contra as violências dos corpos negros. Mostrando sua força desde as batidas dos pés, das mãos, do seu

---

empoderamento, além de sua disciplina e beleza nos movimentos, que é uma mistura do afro e do indígena, força e musicalidade apresentada por seus praticantes.

A dança afro tribal é também mais uma das modalidades de sua herança africana, destacando-se por suas vestimentas e movimentos do corpo.

Neste ínterim, a dança Afro Brasileira traz consigo uma diversidade de arranjos, técnicas e movimentos desafiantes no sentido de elevar a autoestima, como também elucidar a luta contra o preconceito racial, principalmente no contexto das escolas. Saber que através da dança afro na escola será possível desconstruir estereótipos construídos historicamente, desde a colonização do Brasil. Petronilha nos alerta que:

Precisamos, antes de mais nada, prestar a atenção nas formas e meios que nossos alunos utilizam para aprender. Se atentarmos para experiências educativas entre povos indígenas, quilombolas e habitantes de outros territórios negros, veremos que não é somente com a inteligência que se tem acesso a conhecimentos. Que é com o corpo inteiro – o físico, a inteligência, os sentimentos, as emoções, a espiritualidade – que ensinamos e aprendemos que descobrimos o mundo (SILVA, 2007, p.501).

É de fundamental relevância a inversão da perspectiva transdisciplinar de uma pesquisadora, com vistas as distintas áreas de produção de conhecimento que estão presentes nesta pesquisa. Nosso horizonte auto etnográfico reforça a vertente de um corpo conectado com o mundo, considerando o campo como esfera vivida pela própria pesquisadora, enquanto artista da dança e docente.

Cabe ressaltar que nos valem das ferramentas da antropologia, reconhecendo sua diversidade teórica, sem, entretanto, anunciar uma antropologia da dança – universo teórico metodológico relativamente recente no Brasil, que nasce em meados dos anos 1990, buscando entender a dança relacionada com seus contextos culturais ou abordando-a enquanto caminho para compreender as dinâmicas que estruturam as sociedades.

Foi-se o tempo em que lugar de se fazer dança era nas academias e escolas de balé. Mais do que nunca, a prática ganhou status e se consolidou como área de

conhecimento, conquistando espaço nas universidades, mesmo sem nunca, é claro, ter abandonado seu lugar de excelência cênica – palcos, ruas, teatros<sup>5</sup>.

### **3.2 Capoeira: dança, luta ou jogo?**

Como toda herança cultural é do conhecimento histórico que os negros escravizados traziam consigo os costumes da sua herança, oriunda de países africanos, tais como: crenças, tradições, idiomas, culinárias e a dança, contribuindo assim na formação a diversidade cultural.

Conforme os autores, sempre que possível a maioria dos escravos reunia-se em locais, conhecidos na época como capoeiras ou capoeirões para realizar movimentos de suas danças sob o som de instrumentos musicais como o berimbau, movimentos estes que se configuravam como uma espécie de danças guerreiras (SANTOS; BARROS, 1999; CAPOEIRA, 2006), estas eram realizadas como meio de se proteger de práticas violentas cometidas pelos seus patrões.

Partindo deste contexto, atualmente, a capoeira é considerada uma das manifestações populares mais expressivas da cultura Afro brasileira, pela coragem, audácia e luta em prol de uma cultura que foi massacrada e negados seus direitos no decorrer de muitos anos no Brasil. Assim a capoeira ganha destaque cordial, principalmente, no que tange à construção da identidade cultural.

As raízes da capoeira, sim, vieram da África, principalmente de Angola, oriundas de antigos rituais. Mas foi aqui no Brasil, inicialmente, na Bahia, em solo fértil, devido à escravidão, e em nome da liberdade, que ela foi cultivada e floresceu, mostrando toda a sua beleza. (CRUZ, 2003, p. 133).

O resgate da capoeira já se deu num contexto muito maior, a capoeira, enquanto cultura ancestral, "coisa de negro nagô", já deu a "volta ao mundo" e voltou ao Brasil, mais valorizada lá fora no estrangeiro, que propriamente no Brasil, onde antigos mestres morrem à míngua sem reconhecimento, sem oportunidade de sobreviver da sua arte, da sua cultura.

---

5

[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26143/1/eBook\\_Contextos\\_Multiplos\\_na\\_Danca-Licenciatura\\_em\\_Danca\\_UFBA.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26143/1/eBook_Contextos_Multiplos_na_Danca-Licenciatura_em_Danca_UFBA.pdf)

Assim, sendo símbolo de resistência e libertação, a capoeira não cabe em si, pois se transforma, contando com o batuque presente na capoeira da Angola, contribuindo para o surgimento da capoeira regional de mestre Bimba e hoje transformada mais uma vez, praticamos a capoeira contemporânea, a qual traz seus traços e trajetória através da potencialização da essência de raiz afro-brasileira.

Segundo Souza e Oliveira (2001):

A capoeira é um conteúdo que pode ser contemplado na escola pelos seus múltiplos enfoques, que possibilitam, a luta, a dança e a arte, o folclore, o esporte, a educação, o lazer e o jogo. A mesma deve ser ensinada globalizadamente, deixando que o aluno se identifique com os aspectos que mais lhe convier (SOUZA; OLIVEIRA, 2001, p. 44).

Outros sim, para muitos teóricos e estudiosos, a capoeira é uma excelente atividade física e de uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno, atuando de maneira direta e indireta sobre todos os aspectos cognitivo, afetivo e motor. A sua riqueza está nas várias formas de ser contemplada na escola, através de sua prática ordenada, poderá assimilá-la e atuar nas linhas com as quais se identifica: seja na arte, dança, luta, folclore, esporte ou educação.

Desta forma, a capoeira representa sua origem e sobrevivência através dos tempos na sua forma natural como instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileiro. Apresenta-se como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a possibilidade e, influências nas mudanças de comportamento. Proporciona, ainda, um auto-conhecimento e uma análise crítica das suas potencialidades e limites.

Segundo Silva (2011), no processo de ensino-aprendizado da capoeira, devemos levar em consideração a ambiguidade desta manifestação cultural. As pessoas lutam, jogam, brincam, dançam capoeira e isso faz do seu aprendizado algo bastante enriquecedor. Além disso, deve-se levar em conta sua historicidade, contextualizando-a socialmente, pois se trata de uma produção cultural.

A capoeira como arte se faz presente através da música, ritmo, canto, instrumento, expressão corporal, criatividade de movimentos, assim como no riquíssimo tema para as artes literárias e cênicas. Muitos são os adeptos que se

engajam de corpo e alma, criando uma filosofia própria de vida, tendo a capoeira como símbolo, e até mesmo, usando para a sua sobrevivência.

A prática da capoeira é o caminho para ruptura de paradigmas a partir das variadas formas de expressão de pensamento e de comunicação com o mundo através da perspectiva de mover o corpo, cantar e tocar instrumentos. De acordo com Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), conhecido como mestre Pastinha, consagrado mestre da capoeira Angola, declara que: “A capoeira é um diálogo de corpos”. A capoeira possui como característica a presença e a participação de instrumentos musicais de percussão, e isto se dá por causa de suas origens e da ginga servindo como forma de disfarçar a luta por meio do uso da linguagem corporal. Dessa forma, a capoeira é uma forma de os negros realizarem a prática de comunicação, a fim de obter a liberdade de expressão.

### **3.3 Dança afro tribal: Tribos**

A dança afro brasileira foi originada a partir da dança das tribos africanas e apresentou o crescimento durante o período colonial no Brasil, quando era praticada pelos escravos. Além disso, teve grande influência de tribos indígenas brasileiras.

As grandes migrações ocorridas no século XX devido à industrialização, permitiram a difusão do estilo dentro do país, o que acabou fortalecendo a miscigenação, um de nossos traços mais fortes, e valorizando a cultura africana. A presença da dança tornou-se ainda mais rica por meio das religiões afro-brasileiras e de rituais tribais. A dança é uma forma divertida e prazerosa de conhecer a diversidade cultural, pois observamos diversos estilos da cultura afro-brasileira, colaborando para vivenciarmos aspectos da cultura popular, que fazem parte da história do nosso país.

A dança de matriz afro cumpre, antes de tudo, uma finalidade comunicativa, tanto no aspecto religioso quanto sociocultural a partir das tradições concernentes a matriz, desse modo, um dos grandes exemplos desse enorme manancial dessa raiz: é o balé folclórico da Bahia.

Diante desses vários aspectos da dança afro, podemos pensar a possibilidade da implantação de um projeto organizado com base nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, possibilitando usar o espaço escolar como lugar de memória e história, resgatando as identidades negras e nelas suas culturas perdidas ao longo dos tempos. Os projetos de fortalecimento dessa cultura são amplamente conhecidos por trabalhar com jovens que visam ser inseridos na sociedade para combater a discriminação racial e para divulgar cada vez mais a cultura que construiu parte do nosso país.

Segundo Rosa (2006), a escola tem diversas ferramentas para propor mudanças e que esta pode e deve produzir reflexões que “ampliem as condições dos afrodescendentes dentro da sociedade na medida em que sejam educados para orgulhar-se de seu pertencimento étnico.” (ROSA. 2006, p.37). É importante que o processo educacional possibilite uma intervenção no mundo, que busque a igualdade e que proporcione uma relação de respeito e justiça entre seus pares.

A educação, por sua vez, obriga os educadores a se manifestarem contra as injustiças e a criarem caminhos para mudar a realidade de quem é vítima de um longo processo de exclusão social. As lutas e os gritos daqueles que se tornaram vítimas da sociedade devem ser apoiados pelos educadores para fortalecer o apelo à libertação.

O autor Freire (1987, p. 78), nos diz que a existência humana não pode ser silenciosa ou alimentada com palavras falsas, mas com palavras verdadeiras, com as quais o homem transforma o mundo. Existir humanamente, pronunciar o mundo, modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, torna-se problemático para os sujeitos pronunciados, exigindo deles novos pronunciamentos. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na reflexão.

#### **4. EPISTEMOLOGIAS NEGRAS DA DANÇA: trajetória metodológica**

Para concretização da pesquisa realizei uma observação com visitas e coletas de dados em uma escola pública do município de Porto Seguro-Ba, com alunos matriculados na faixa etária de 11 a 16 anos, descrevendo as histórias de

vida em relação ao ambiente escolar, o preconceito e a discriminação e a inserção da dança afro nos espaços escolares.

Participaram da entrevista professores e alunos de etnias variadas, a maioria eram jovens e adolescentes que deram sua opinião em relação ao preconceito racial nos espaços escolares. A escola está localizada, também, na Ilha de Caraíva, considerada na comunidade de um espaço padrão e de excelência em seus resultados, a grande maioria dos estudantes são de cor negra, mestiços, filhos de índios. Foram feitas perguntas aos estudantes, entre eles meninas e meninos, acerca da questão do rendimento escolar, frequência, socialização e sobre identidade negra e a inserção da dança afro na escola.

Para essas/es estudantes o mais importante estava voltado para a qualidade da escola, enquanto os professores estavam preocupados com a repetência e evasão escolar.

Ao discutir a discriminação e preconceito racial na escola foi debatido cor e raça aos entrevistados e foi obtido como resultado uma miscigenação de cor, a maioria eram de cor branca e parda, os demais eram pretos e descendentes indígenas. Ao perguntá-los se sofreram algum tipo de discriminação na escola e por quais motivos, eles alegaram a causa da cor/raça com xingamentos: “negro”, “cabelo duro”, “pobretão e “burro”, e outros. Os descendentes indígenas relataram ser chamados de “preguiçosos”.

Os fatos relatados revelaram os sentimentos raciais e a discriminação contra esta população negra, que por sua vez continua existindo no meio social e nos espaços escolares, no entanto, a pesquisa mostrou que aparentemente os estudantes autodeclarados pretos sentem mais discriminados que os brancos e pardos. Os xingamentos que prevalecia na escola apontavam quanto a cor e raças, mesmo sendo bom ou mau aluno, rico ou pobre afetam a vida desses estudantes. Diante disso, o contexto considera se a escola passa a ser um ambiente privilegiado no combater ao racismo.

Foi possível perceber que no processo de comunicação entre as/os alunas/os era comum a prática de inferiorização sobre o outro por meio da questão racial. Mediante a essa realidade, percebo o quanto a escola é um espaço

indispensável para a problematização do racismo. Para tanto, é importante compreender que:

[...] as máscaras do racismo, da discriminação racial, e explicitar a verdadeira natureza dessas ideologias: a legitimação de privilégios raciais e sociais. Elas obrigam que os diferentes interesses envolvidos e beneficiários da exclusão se manifestem. E é por isso que elas são capazes de galvanizar a opinião pública porque o monopólio histórico dos grupos racialmente hegemônicos no acesso às melhores oportunidades sociais se vêem por elas ameaçados. Para preservá-los, diferentes discursos são acionados.” (CARNEIRO, 2004.p 138).

De acordo com essa assertiva, é possível inferir que o racismo tem se espalhado por meio de máscaras, as quais não querem ser confrontadas para não perder a oportunidade de oprimir os corpos negros. Alguns desses privilégios têm estrita relação com as oportunidades oferecidas às pessoas brancas, ou seja, acesso às melhores escolas, às universidades, profissões elitizadas, entre outros. Essas questões apontam para a estrutura racista dentro da sociedade, que por sua vez impede a todo preço que pessoas negras possam ter sucesso e qualidade de vida. Por conseguinte, o racismo é a raiz da exclusão, da inferiorização, é, também, um espaço de poder branco, mediado e atravessado pelas instâncias da linguagem.

Ao acompanhar as diretrizes constituintes, os PCNs colaboram para pensar a valorização da diversidade cultural, que precisa estar presente em todos os níveis de ensino, com finalidade de valorizar as riquezas de uma região, de um povo, bem como o resgate e a preservação de costumes e tradições. Dessa forma, Souza (2001, P.54), afirma que: “[...] parte dos debates sobre a questão racial, desde o início dos anos 1980, foi materializada nos PCNs – Pluralidade Cultural”. Isto, pode ser uma tentativa de evidenciar as diferenças culturais e raciais, integrando-as ao currículo e atendendo às reivindicações do movimento negro. Desse modo, os PCNs se traduzem, neste sentido, em uma proposta de articulação dos conteúdos, de modo a contextualizá-los, mediante a realidade vigente em cada região do país. É de extrema importância problematizar o racismo, principalmente na escola, cujo espaço precisa contribuir na luta e combate contra as práticas racistas.

Além disso, a aproximação das escolas com a presença das concepções do

Movimento Negro, coopera para o caminho pautado na reconstrução e reposição do processo histórico-cultural dos afros-descendentes na educação, possibilitando, desse modo, a inserção nos currículos de muitas escolas brasileiras da tradição cultural e histórica do povo negro.

#### **4.1 Corpo e pensamento negro: paradigmas educativos**

A dança afro traz as marcas simbólica da ancestralidade, revestida de força, poder e resistência. O campo da filosofia tem passado por transformações e distintas correntes de pensamento tem surgido com intuito de questionar e pensar o mundo. Assim, a filosofia da ancestralidade é um pensamento da contemporaneidade, que por sua vez dialoga com a perspectiva do movimento negro no Brasil, a fim de combater o racismo, as desigualdades sociais, a violência, entre outras questões que exploram e marginalizam os corpos negros.

Em consonância com o teórico Eduardo David de Oliveira (2012), a filosofia tem passado por mudança ao longo do tempo, desse modo, fazendo um recorte temporal, a partir da década de 60 surge a filosofia latino-americana, a qual vivenciou-se uma fase nova, com vertentes libertadoras no que concernem as concepções cristalizadas. Além disso, essa matriz de conhecimento recorre-se a década de 40 com intuito de trazer o pensamento africano para o campo da filosofia.

A filosofia da ancestralidade potencializa-se por meio das suas múltiplas formas de produzir pensamento, remetendo aos saberes dinâmicos dos povos africanos. No entanto, essa raiz de conhecimento está contemplada no viés latino-americano. A ancestralidade carrega a força do rito e do corpo, movimenta o mundo com sua forma diversa e singular.

Ancestralidade é, então, mais que um conceito ou categoria do pensamento. Ela se traduz numa experiência de forma cultural que, por ser experiência, é já uma ética, uma vez que confere sentido às atitudes que se desdobram de seu útero cósmico até tornarem-se criaturas nascidas no ventre-terra deste continente metafórico que produziu sua experiência histórica, e desse continente histórico que produziu suas metonímias em territórios de além-mar, sem duplicar, mas mantendo uma relação trans-histórica e trans-simbólica com os territórios para onde a sorte espalhou seus filhos. (OLIVEIRA, 2012,

p.39)

Partindo dessa argumentação, é perceptível que a noção de ancestralidade também está fincada a diversos significados, um deles tem relação estrita com a cultura, pois o ser humano é produtor dos espaços culturais. Dessa forma a vertente da ancestralidade é móvel, nunca é estável, está, pois em constante movimento. Portanto, é necessário entender que a cultura representa o mundo a partir de visões diferentes como também está alicerçada nos conflitos sociais e relações de poder, esse lugar pode ser referenciado como um mecanismo em que a perspectiva da resistência é o combustível indispensável para a existência.

A ancestralidade ajuda a compreender o quanto o corpo está circunscrito nas mediações sociais, carregado de múltiplos significados. Além disso, o corpo é vivo, repleto de vivência e memória. Esta por sua vez está imersa aos elementos da percepção do olhar sobre o mundo e de seu contato com toda e qualquer interação humana. As imagens são criadas e ressignificadas dentro desse espaço da memória da ancestralidade. Dessa forma, o processo imagético cria possibilidades de realidades, representando-a e trazendo diferentes significados e expressividade por meio do sentimento expresso ao compartilhar memórias de tempos do passado e presente.

A cultura da ancestralidade se fortalece através dos laços da coletividade, essa é, pois, uma das belezas que a vida oferece a humanidade, sendo, pois, outorgado a possibilidade de compartilhar as vivências e outras formas de produção de pensamento.

Nessa esteira de pensamento, a dança afro vem sendo marcada pelas instâncias histórica e cultural. Fruto das pesquisas de Mercedes Baptista, as danças dos Orixás juntamente com a dança popular trazem consigo as marcas da ancestralidade.

Para melhor compreender essa ideia é necessário ressaltar que os Orixás são divindades que possuem domínio sobre a natureza, Conforme Verger (2002, p. 18): “O poder, axé, do ancestral-Orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada.” Os orixás dançam, realizando vários

movimentos com seu corpo, assim de acordo com Lima (1995, p. 8) “Nas religiões de matriz africana no Brasil, os Orixás dançam dentro dos terreiros, através de corpos que nem sempre tem outras vivências de dança fora daqueles espaços”. Os orixás trazem a força, o movimento e renova as energias através da dança.

Portanto, as forças emanadas pelos orixás nos corpos femininos, por exemplo, transcendem o poder da fertilidade ao mexer os quadris, penteando os cabelos e banhando seu corpo no rio. Os orixás de cunho feminino têm o encantamento movido pela sensualidade, recorrendo aos adereços como joias de ouro e bronze.

Lembra o comportamento de uma mulher vaidosa e sedutora que vai ao rio se banhar, enfeita-se com colares, agita os braços para fazer tilintar seus braceletes, abana-se graciosamente e contempla-se com satisfação num espelho” (VERGER, 1981, p.176). Oxum “pisa macio” (LIMA, 2012, p. 50)

Assim, o oxum feminino dança sobre as águas da cachoeira ao som do domínio da natureza, o corpo ganha força e poder ao banhar-se, as energias são revigoradas e potencializadas ao cheiro das águas juntamente com dinâmica dos corpos em movimento.

Entretanto, o Orixá de cunho masculino, como por exemplo o “Ogum, remete a concepção diferente do feminino ao se predispor as batalhas em busca de guerrear e atacar os inimigos, utilizando a força nesses espaços de embate e luta. Dessa forma, “Quando Ogum se manifesta no corpo em transe de seus iniciados, dança com ar marcial, agitando sua espada e procurando um adversário para golpear. ” (VERGER, 2002, p. 94). As questões acerca da virilidade e masculinidade faz parte do temperamento de Ogum, que por sua vez está presente na sua dança.

#### **4.2 Entrevistas: entre as vistas e entre as vísceras**

Este subtópico será destino as vozes das pessoas envolvidas na minha pesquisa de campo. Aqui eles/as trazem suas experiências, vivências e trajetórias pautas na inscrição do seu corpo atravessados pela dinâmica da dança. Desse modo, trago aqui múltiplas vozes que subsidiam esta pesquisa. O presente estudo

de campo foi realizado na Escola Municipal de Caraíva com os/as professores/as

### **Entrevista 1:**

#### ***Racismo na escola: podem as danças afro pensar a educação?***

**1) Você é a favor da dança afro no espaço escolar? Por quê?**

Professora Joana: Sim, porque é uma maneira de aprender sobre cultura afro brasileira e a valorização.

**2) Qual a sua opinião de como trabalhar a dança no contexto escolar?**

Professora Joana: É importante porque favorece a criatividade e a socialização, também trabalha a coordenação e equilíbrio e ajuda na construção de conhecimento.

**3) Você já presenciou algum tipo de preconceito / discriminação na escola que você trabalha? Quais?**

Professora Joana: Às vezes por parte do aluno, por tratar o colega com indiferença, pela classe social, costume.

**4) Como que a escola lida nesses casos?**

Professora Joana: A escola lida da melhor forma possível, aborda o assunto junto aos alunos, convida os responsáveis para comparecer na escola e com diálogo resolve os conflitos. Trabalha o tema para conscientizá-los por meio de debates, apresentações.

**5) Deixe um breve comentário sobre o título da pesquisa?**

Professora Joana: Reconhecer a importância do estudo sobre cultura afro na escola.

**6) O que você espera de retorno por parte da pesquisadora?**

Professora Joana: Que realize seus objetivos despertando e sensibilizando o corpo docente e discente.

**7) Quais os xingamentos mais comuns entre os alunos da E.M.C? Se houver**

“Burro, a pessoa gorda é chamada de baleia”.

Obs: Levem em conta a apresentação do projeto na escola no mês de novembro. Desde já agradeço a participação e a colaboração de todos!

### **Entrevista 2:**

**1) Você é a favor da dança afro no espaço escolar? Por quê?**

Professora Alice: Sim, pois é a representação de uma cultura, a dança afro é um símbolo de arte, resistência e expressão cultural e carrega em si toda informação de sua origem e sua luta.

**2) Qual a sua opinião de como trabalhar a dança no contexto escolar?**

Professora Alice: Seria uma ótima ideia, pois a dança afro traz muita informação que poderiam ser apresentadas por várias matérias.

**3) Você já presenciou algum tipo de preconceito / discriminação na escola que você trabalha? Quais?**

Professora Alice: Infelizmente o preconceito está presente ainda nos nossos dias atuais, coisa que tem que acabar. Mas felizmente nunca presenciei nenhum tipo de preconceito no ambiente escolar.

**4) Como que a escola lida nesses casos?**

Professora Alice: Sempre lidamos com debates e reuniões, documentários para saber como lidar com tais situações.

**5) Deixe um breve comentário sobre o título da pesquisa?**

Professora Alice: O racismo na escola é algo que infelizmente está presente em toda instituição, na escola deve promover a compreensão e aceitação do outro, com suas diferenças e necessidades. Além de alertar a comunidade escolar – compreendida por pais, alunos, professores, direção, funcionários e seus familiares – para a necessidade de atuarmos, juntos, na construção de uma sociedade melhor para todos.

**6) O que você espera de retorno por parte da pesquisadora?**

Professora Alice: Procurar maneiras de alertarmos as nossas crianças no ambiente escolar, a saber lidar com tais situações de racismo e preconceitos.

**7) Quais os xingamentos mais comuns entre os alunos da E.M.C? Se houver.**

Professora Alice: Merda, caralho.

**Entrevista 3:**

**1) Você é a favor da dança afro no espaço escolar? Por quê?**

Professora Maria: Sim. Porque a dança é um elemento bastante rico da cultura e, através dela resgataremos e reforçaremos nossa raiz.

**2) Qual a sua opinião de como trabalhar a dança no contexto escolar?**

Professora Maria: Sou bastante a favor, desde que seja inclusiva e aborde, na

íntegra, o valor de preservar esta cultura nas nossas vidas.

**3) você já presenciou algum tipo de preconceito / discriminação na escola que você trabalha? Quais?**

Professora Maria: Sim. Com aspectos considerados “fora do padrão social”...alunos gordos, de baixa renda, índios....

**4) Como que a escola lida nesses casos?**

Professora Maria: Através de projetos voltados p o tema e, livre demanda no dia a dia escolar.

**5) Deixe um breve comentário sobre o título da pesquisa?**

Professora Maria: Por ser um ritual de muita beleza, cor e movimento, creio que a dança afro poderá colaborar muito para o tratamento do racismo dentro da escola. Bastante sugestivo.

**6) O que você espera de retorno por parte da pesquisadora?**

Professora Maria: Espero que trabalhe efetivamente a proposta a fim de amenizar o racismo na nossa escola.

**7) Quais os xingamentos mais comuns entre os alunos da E.M.C? Se houver.**

Professora Maria: Penso que, “estamos no lucro”, pois vejo poucos xingamentos no nosso espaço escolar. Alguns do tipo: seu burro, otário, etc.

#### **Entrevista 4**

**1) Você é a favor da dança afro no espaço escolar? Por quê?**

Professora Carolina: Sim. Para que as crianças conheçam, aprendam e valorizam a cultura e a arte dos nossos irmãos africanos.

**2) Qual a sua opinião de como trabalhar a dança no contexto escolar?**

Professora Carolina: De forma teórica e prática, usando o teatro, dança, palestra e filmes.

**3) Você já presenciou algum tipo de preconceito / discriminação na escola que você trabalha? Quais?**

Professora Carolina: infelizmente, sim. Críticas sobre o cabelo de uma colega.

**4) Como que a escola lida nesses casos?**

Professora Carolina: chama à atenção do educando.

**5) Deixe um breve comentário sobre o título da pesquisa?**

Professora Carolina: O título questiona sobre o direito da cultura africana no ambiente escolar. É interessante, pois chama a atenção do público em geral, sobre o porquê não trabalhar tal assunto dentro da escola, vendo as necessidades do dia a dia, de nossas crianças ver o outro da mesma forma que o ver.

**6) O que você espera de retorno por parte da pesquisadora?**

Professora Carolina: que traz para prática o que levantou na pesquisa, de forma que todos compreendem a importância do seu objetivo.

**7) Quais os xingamentos mais comuns entre os alunos da E.M.C? Se houver.**

Professora Carolina: Percebi dentro dos anos trabalhados, alguns apelidos, na maioria das vezes são brincadeiras entre os alunos. Tive o desprezo de ouvir um: Olha o cabelo de bom bril dessa! Porém, depois de uma conversa, as coisas mudaram de rumo. Para melhor, graças a Deus.

**Entrevista: 5**

**1) Você é a favor da dança afro no espaço escolar? Por quê?**

Professor Luís: com certeza. Pois, a dança afro resgata a cultura brasileira e trazem consigo a verdadeira história do povo brasileiro e as influências sofridas desde o período do Brasil colonial até os dias atuais.

**2) Qual a sua opinião de como trabalhar a dança no contexto escolar?**

Professor Luís: Fazer com que os alunos reflitam sobre a importância da dança. Propor momentos de comunicação corporal que possibilitem novas formas de comunicação, levando-os à descoberta de sua linguagem corporal.

**3) Você já presenciou algum tipo de preconceito / discriminação na escola que você trabalha? Quais?**

Professor Luís: pelo curto momento que passei na escola percebi por parte de "alguns alunos" a exclusão de uma aluna estrangeira. Principalmente nos momentos de montar grupos de trabalho de pesquisas.

**4) Como que a escola lida nesses casos?**

Professor Luís: Após perceber a atitude planejei uma aula dinâmica para novas escolhas de dos componentes. Também coordenação e os professores costuma conversar com os alunos" conversas construtivas" caso não resolva é solicitada a presença dos pais.

**5) Deixe um breve comentário sobre o título da pesquisa?**

Professor Luís:?

**6) O que você espera de retorno por parte da pesquisadora?**

Professor Luís: : Espero que todos os envolvidos na pesquisa e alcance de seus objetivos.

**7) Quais os xingamentos mais comuns entre os alunos da E.M.C? Se houver.**

Professor Luís:.. Quanto a xigamentos isso e rotina entre os alunos mais no final fica tudo bem entre eles.

### **Entrevista: 5**

**1) Você é a favor da dança afro no espaço escolar? Por quê?**

Professor Marcos: sim, pois a cultura é um fator muito relevante quando falamos em inclusão social.

**2) Qual a sua opinião de como trabalhar a dança no contexto escolar?**

Professor Marcos: A dança na minha opinião deve ser explorada ao máximo de forma interdisciplinar, entretanto, será de grande importância se houver um projeto continuado explorando todas as danças possíveis.

**3) Você já presenciou algum tipo de preconceito / discriminação na escola que você trabalha? Quais?**

Professor Marcos: nas minhas aulas de educação física, já houve de alunos em brincadeiras, não querer pegar na mão de indígenas.

**4) Como que a escola lida nesses casos?**

Professor Marcos: não sei no meu caso, quando aconteceu, sempre explanei e promovi debates sobre direitos deveres e igualdade.

**5) Deixe um breve comentário sobre o título da pesquisa?**

Professor Marcos: Deveria sempre, pois em um mundo onde racismo e preconceito reinam, nós, formadores de opinião, não deveríamos tirar um dia de folga em prol de igualdade generalizada. Só com atitudes permanente s vamos conseguir igualdade racial.

**6) O que você espera de retorno por parte da pesquisadora?**

Professor Marcos: Que o tema em questão seja inserido não só dentro da escola, espero que as ações consigam abranger e chegar efetivamente em todos os lares de nossa comunidade.

**7) Quais os xingamentos mais comuns entre os alunos da E.M.C? Se houver.**

Professor Marcos: raramente escuto.

### **Entrevista: 6**

**1) Você é a favor da dança afro no espaço escolar? Por quê?**

Professor Lucas: Sim. Porque é uma forma de fortalecer a identidade do aluno (a), promover sua autoestima e valorização.

**2) Qual a sua opinião de como trabalhar a dança no contexto escolar?**

Professor Lucas: Deve-se fazer um levantamento das danças afro que são praticadas na região ou por aqueles grupos que insistem em manter essa tradição apesar da comercialização da música que vem, aos poucos, acabando com as tradições. Uma vez realizado esse levantamento, ir trabalhando e conscientizando os jovens sobre esse valor.

**3) Você já presenciou algum tipo de preconceito / discriminação na escola que você trabalha? Quais?**

Professor Lucas: Sim. Eu mesmo fiquei, certa vez, responsável para organizar um grupo de dança para ser apresentado na semana da Consciência Negra. Fiz uma pesquisa sobre uma dança afro praticada na Bahia e nas Minas Gerais. Entrei em contato com o grupo de Minas que me enviaram um vídeo da dança, mas os alunos da escola se recusaram a ensaiar alegando ser "dança de macumba". Só queriam dançar as músicas que são febre na indústria musical.

**4) Como que a escola lida nesses casos?**

Professor Lucas: Nesse caso específico, a escola ficou do lado dos alunos. Eu me neguei a seguir o de sempre e outros professores foram trabalhar com a turma aceitando sua imposição.

**5) Deixe um breve comentário sobre o título da pesquisa?**

Professor Lucas: Importantíssimo para a contemporaneidade. Há muito racismo em nosso país. Isso precisa ser combatido na escola onde as crianças e adolescentes estão em desenvolvimento.

**6) O que você espera de retorno por parte da pesquisadora?**

Professor Lucas: Que a pesquisadora, dotada de uma maior preparação que os demais profissionais, possa nos ajudar para que possamos, pelo menos em nosso espaço escolar, reduzir ao máximo essa ideia arcaica de racismo.

**7 Quais os xingamentos mais comuns entre os alunos da E.M.C? Se houver.**

Professor Lucas: O que eu já presenciei é o mais comum: preto, neguinho de forma pejorativa.

É perceptível que os professores reconhecem a necessidade do ensino pautado nas questões anti- racistas, sendo de fundamental relevância o uso de materiais, estratégias e eventos em sala de aula. Fica evidente o quanto o racismo pertence a uma estrutura que precisa ser problematizada e combatida. O cenário aponta para a problemática do racismo, ao qual está presente em todas as relações, afetando os corpos e as subjetividades do sujeito.

Mediante a isso, o trabalho com a temática racial não deve ser priorizado nas datas comemorativas e nem ministrado de forma folclorizada, mas sim precisa acontecer nos outros dias de aula, a fim de potencializar e conscientizar e empoderar as mentes.

A título de reflexão deixo um poema para reflexão:

**Penso como vai minha vida  
Alimento todos os desejos  
Exorcizo as minhas fantasias  
Todo mundo tem um pouco de medo da vida**

**Pra que perder tempo desperdiçando emoções  
Grilar com pequenas provocações?  
Ataco se isso for preciso  
Sou eu quem escolho e faço os meus inimigos**

**Saudações a quem tem coragem  
Aos que tão aqui pra qualquer viagem  
Não fique esperando a vida passar tão rápido  
A felicidade é um estado imaginário**

**Não penso em tudo que já fiz  
E não esqueço de quem um dia amei  
Desprezo os dias cinzentos  
Eu aproveito pra sonhar enquanto é tempo**

**Eu rasgo o couro com os dentes  
Beijo uma flor sem machucar  
As minhas verdades eu invento sem medo  
Eu faço de tudo pelos meus desejos**

**Saudações a quem tem coragem  
Aos que tão aqui pra qualquer viagem  
Não fique esperando a vida passar tão rápido  
A felicidade é um estado imaginário**

**Pense e dance  
Pense  
Pense e dance**

#### **4.3 Análise corporal da escola: aspectos críticos e poéticos**



Nesse tópico trarei pontos a respeito da fundação da escola, como também de seu desenvolvimento ao longo dos tempos.

A Escola Municipal de Caraíva, localizada no extremo sul da Bahia, na península Caraíva, Rua do Campo SNº, Município de Porto Seguro, possui a seguinte estrutura física: 01 secretaria, 01 cantina com refeitório, 02 banheiros, 05 salas de aula, 01 pátio para recreação, 01 biblioteca de acervo para a escola e comunidade. Atende a uma demanda no total de 192 alunos, abrangendo a educação infantil ao ensino fundamental II. O quadro da escola é composto por 20 funcionários que compreende desde o a função pedagógica ao serviço de apoio.

Nossa comunidade escolar é caracterizada, em sua maioria, por famílias advindas da classe média baixa, cuja renda oscila de um até três salário mínimo. A participação dos pais na nossa escola é muito boa, a maioria participa da reuniões e projetos desenvolvidos pela mesma, principalmente no que se refere as questões pedagógicas. Além disso, há um intercâmbio de culturas da escola e comunidade, trazendo uma diversidade de grupos com realidades totalmente diferenciadas. Estamos passando por um momento crítico e mundial com a pandemia. Percebemos, que o uso da tecnologia afetou o ensino aprendizagem de algumas crianças, pois não tiveram acesso às aulas remotas e online, por falta de aparelhos e internet.

Acredito que mesmo sendo uma escola com estrutura carente, entretanto possui uma boa qualidade de ensino, embora falte o suporte necessário para alcançarmos um índice melhor no ensino aprendizagem dos educandos e das educandas. Considero que no ano letivo de 2021, não tivemos o mesmo sucesso

como nos anos anteriores. Essa distância afetou psicologicamente muitos alunos e alunas, bem como os próprios profissionais da educação.

## 5. PODE A ESCOLA PENSAR AS DANÇAS AFRO- BRASILEIRAS?



Nesse tópico, aproveito para realizar uma interface entre dança e educação, acreditando em um espaço escolar voltado para o diálogo das questões raciais. Nessa esteira de pensamento, o ano de 1997 foi o marco para incorporação da dança afro na composição textual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o que de fato tem contribuído para o reconhecimento a nível nacional, bem como a inserção da dança tem sido vista de fundamental relevância dentro do cenário educacional.

A autora Isabel Marques (2007), traz as suas concepções acerca a dança ao afirmar que essa cultura está além de realizar atividade de coreografia, pois não representa uma simples apresentação. É possível inferir que dança afro é a representação da vida, cujo movimento expressa uma infinidade de sentido.

A escola precisa ser um lugar que valoriza a cultura do aluno, respeitando a identidade étnica-racial dos aprendizes. Desse modo, o ambiente educacional deve promover discussões que agucem o pensamento crítico, combatendo qualquer forma de opressão e violência. É indispensável a preservação da cultura dos distintos tipos de sujeitos ou comunidades. Que a educação seja o caminho para a transformação de realidades e mentalidades, que além disso, as experiências dos alunos possam encontrar o espaço para compor os conteúdos ministrados em sala de aula, porque escola é vida, é um espaço que necessita ser voltado para a troca

de conhecimento e desconstrução do saber.

A dança em sala de aula é importante para fortalecer a cultura, como também coopera para afirmação de identidade étnica-racial, desde que não seja usada para cumprir os propósitos de apresentação de datas comemorativas. Essa questão é tão preocupante e perigosa, pois reduz a cultura afro ao calendário, ao qual traz a ilusão de que está cumprindo a obrigação de trazer o ensino pautado na diversidade, quanto na realidade está contribuindo para folclorizar a cultura.

É de fundamental relevância que a escola reflita sobre questões que inferioriza e subalterniza a cultura afro. Nessa esteira de pensamento, os alunos precisam ser motivados a perceber de forma crítica a sua realidade, bem como atentar-se para as ideologias e múltiplos sentidos que carregam a cultura. Está, é, pois, o lugar de embate, de conflito, além disso, é o espaço que precisa ser movido pelo processo de construção e desconstrução do ser e saber.

Sobre a escola, o estudioso Paulo Freire (2004), ajuda a pensar a educação dentro da perspectiva crítica e transformadora, a fim de que o ensino produza os efeitos de uma consciência voltada para realidade e, sobretudo, possa estar aberta aos questionamentos, sendo necessário entender todos os processos ideológicos que nos cercam e constroem imaginários e representações sociais.

Desse modo, a incorporação da dança em sala de aula, bem como o ensino precisam ser transformadores, ao ponto de os alunos entenderem quais são os sentidos que a dança afro carrega, estando cientes da sua cultura para que possam compreender e participar desse espaço de luta e resistência.

Nessa empreitada, a educação precisa propor pontes para o diálogo e diversidade, rompendo com os paradigmas tradicionais que sistematizam o conhecimento, colocando barreiras e limites do que se deve aprender, do que é relevante e do que não é. Dessa forma, o conhecimento passa a ser um simples manual de instrução que serve para um propósito de cumprir com um determinado objetivo, que muitas das vezes é para passar para próxima etapa escolar.

Assim, a dança passa a ser incorporada no cenário educacional como segundo plano, sem ser valorizada de fato a partir da sua riqueza e potencialidade e luta.

Dessa forma, a escola exerce o papel relevante no processo de transmissão do pensamento e formação de mentalidades. Levando em consideração a necessidade da abordagem do ensino pautado na história africana e brasileira, a fim de que esse espaço seja o lugar acessível para que as pessoas negras sejam protagonistas de suas histórias.

O trabalho pedagógico subsidiado na temática afro-brasileira contribui para pensar criticamente sobre o racismo na sociedade brasileira e suas múltiplas violências, como também refletir a respeito do resgate da imagem da população negra de forma positiva. Mediante ao cenário histórico e social, é possível perceber que dentro do campo escolar os alunos têm a dificuldade de valorizar a cultura afro-brasileira, e além disso, trazem o reflexo do sistema racista em seus comportamentos e falas.

Essa realidade circunscreve o contexto escolar, sendo de fundamental relevância que haja a intensificação de problematizações juntamente com a propagação do conhecimento que valorize a cultura afro-brasileira, a fim de que os alunos obtenham consciência da dimensão do campo cultural e perceba a pluralidade a diversidade de sentidos transmitidos nas práticas sociais.

Essa dissertação propõe um estudo voltado para a dança afro com intuito de cooperar no processo identitário e cultura dos alunos. A dança pode ser entendida como o mecanismo de expressão da própria vida, pois é isso que ela representa a existência humana, para além disso, é a configuração da linguagem, é processo de interação com o meio em que se vive. Pode-se dizer que: “a dança é muito mais do que sua própria palavra inspira. Ela deve ser descoberta, vivenciada, pensada e sentida”. (VERDERI, 2000, p.43).

O ensino comprometido com a cultura afro brasileira poderá auxiliar no processo de identificação e reconhecimento da cultura como parte da história, bem como do lugar onde os alunos vivem, contribuindo para entender e valorizar suas origens, além de ter a possibilidade de criar e afirmar a identidade, a qual é mutável, flexível e transitória.

Portanto, a dança é o caminho para partilhar consigo mesmo e com o outro os saberes ancestrais, é envolver-se com os processos identitários e perceber que o

sujeito precisa ser o construtor de sua própria história. A dança poderá cooperar para a promoção da igualdade e cidadania, é o caminho para vivência e reflexão sobre a vida e as relações sociais.

O objetivo desse capítulo é inovar a prática pedagógica, trazendo os educandos/as para colaborar no planejamento a partir da proposta pedagógica oferecida pelo município. Entretanto, é seguir uma linha de pensamento e estratégia que versam a criação de novos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, a fim de que os alunos possam colaborar de forma efetiva como protagonistas dos seus próprios saberes.

Trarei aqui, a proposta que vem sendo desenvolvida na escola e o que foi encontrado durante essa trajetória da pesquisa.

## **6. PENSE E DANCE: Mente Dançante**

Nesse tópico trago os depoimentos de alunos (as) e professores (as), envolvidos na dança afro e capoeira.

### **Documentário: argumento da aluna Mariana**

Ela tem 15 anos, estuda na escola municipal de Caraíva, pertence à família nativa de Caraíva, a qual tem uma relação positiva com a dança e capoeira. As tias já dançaram afro e a Mariana já jogou capoeira, a sua mãe e padastro também. Ela ressaltou que já sofreu preconceito ao fazer parte do grupo de capoeira, disseram que “o lugar dela não era ali”, “que não é para mulher, pra gente negra”, além disso, afirmaram que “é coisa de escrevo”. Ela questionou e disse: que capoeira é cultura, é arte, todos que quiserem pode participar. Mediante a isso, há questão de gênero referente à capoeira, cujos significados transmitidos pela sociedade patriarcal determina os lugares das mulheres, excluindo-as de escolher os espaços que querem ocupar.

Com relação ao preconceito na escola, ela afirma que é muito forte, porém, segundo ela, a escola discute as questões raciais. Ela disse que sofreu bullying pelo fato da cor da pele e cabelo. Ela questiona isso, dizendo que todo mundo é igual não

importando a cor da pele.

Nas falas da aluna, há um entendimento de bullying com relação a sua cor e estética negra, o que é racismo é designado como preconceito. É comum encontrar essa interpretação, frente a uma estrutura que quer silenciar as questões raciais. Por isso, essas questões devem ser trabalhadas com cuidado e seriedade, a fim de que os alunos percebam as práticas e comportamentos racistas e que possam ter a consciência e participar de uma luta antirracista.

Desse modo, é de fundamental relevância um trabalho articulado com gênero, raça e classe, com intuito de problematizar as matrizes de opressão que são transmitidos por meio de uma estrutura que reduz e enquadrado as pessoas em um padrão que subalterniza os corpos e inferiorizam.

#### **Documentário: Fala de João:**

Ele tem 15 anos, estuda na escola municipal de Caraíva. Ele inicia a sua argumentação falando a respeito da cor, como “o ser humano precisa ter o lugar na sociedade e obter o respeito”. Ele disse que a mãe dele é dançarina afro. Ele já sofreu racismo e disse que “pessoas colocaram pedrinhas em seu caminho, já foi muito machucado pela sociedade”. Ele disse que nunca ligou para a questão da pele e como as pessoas o tratariam, mas no decorrer do tempo a situação foi mudando.

Segundo ele: o jeito dele e a sua forma de existir no mundo não enquadrado no padrão da sociedade inatingível. Para ele, a escola a cultura afro não está presente em todas as escolas. A argumentação desse aluno chama à atenção para que haja reorganização do currículo escolar, reconhecendo a necessidade de falar sobre a cultura afro e, conseqüentemente discutir as questões de racismo em sala de aula.

#### **Documentário: Fala de Silmar**

Ele é nativo de caraíva, nascido e criado nessa mesma cidade. Ele tem 41 anos, começou a fazer capoeira desde criança, ele foi aprendendo e atualmente ajuda a divulgar a capoeira. Há exatos 10 dá aula em Caraíva, treina com Jailson em Arraial D’Ajuda. Ele enfatiza quando participava do treino de capoeira que

vivenciou muito preconceito, no qual pessoas afirmavam que quem praticava a capoeira era: “vagabundo, malandro”.

Além disso, Silmar enunciou que no tempo de infância a mãe não concordava em ele participar da copeira. Ele disse que mesmo assim saia escondido para o treino, com o passar do tempo a família dele foi mudando de opinião e a situação ficava mais tranquila. Para ele a capoeira salva as vidas.

Dessa forma, o racismo tem ocupado seu lugar no mundo, ditando e restringindo a maneira de ser e estar, colocando barreira que impede as pessoas negras de crescer e participar de espaços de poder. Além disso, com relação a cultura afro, esta tem sido marginalizada e vem sofrendo vários estereótipos, que, quando não são demonizadas a dança afro e a capoeira são tidas como espaços que só frequentam pessoas de caráter duvidoso.

#### **Documentário: fala de Mariana Rios**

Ela disse que a desenvoltura dos alunos tem relação com a prática e envolvimento do professor. Ela diz que os professores devem ensinar acerca da valorização da cultura, bem como a respeito de quem somos no mundo. Ela fala o quanto a prática é importante na escola. Para ela: “ a dança não é só corpo, é interiorizar o que está sentindo, se está sentido dor, e estar feliz, é transmitir emoções, sentimentos. A dança traz libertação, expansão de pensamento.

Ela disse que quando chegou em caraíva em 2006, percebeu a ausência de mulheres na prática da dança, foi quando ela trouxe a dança afro nesse mesmo ano, sendo uma das pioneiras da ONG Caraíva viva, assim ela iniciou o projeto e trabalho com as crianças. Ela ressalta que a dança é cultura, não é religião, faz parte da ancestralidade, é, pois, arte na qual ela é formada e sobrevive por meio da dança desde muito cedo.

Segundo ela a dança desenvolve o aprimoramento corporal, o empoderamento. A aula de dança traz força, energia, vitalidade porque é a nossa história. Ela disse que na casa das artes está voltada para arte e dança. Ela disse que a dança é a vida dela, está construindo um espaço cultural, contando com

material reciclável. Ela disse que é uma bailarina negra que defende a cultura da arte, contando com o envolvimento de pessoas diversas e principalmente contribuir na educação.

Diante das falas dessa artista e professora, é imprescindível investir na educação e pensar em uma prática pedagógica que contemple as vivências, história de vida, a fim de que haja articulação entre prática e teoria ao ponto de valorizar a cultura africana, por meio do acolhimento e problematização das questões raciais.

### **PRODUTO FINAL**

O produto final desta pesquisa de intervenção foi constituído de experiências vivenciadas com ajuda dos membros da comunidade, da ONG e da Secretaria de Educação em parceria na formação dos grupos de dança. Nas conversas com os familiares e filhos, é de fundamental relevância perceber o processo concernente a valorização da dignidade humana, buscando descobrir se eles já vivenciaram situações similares de racismo na escola. Sendo pertinente, também, as ofertas de formações continuadas de professores, palestras e reuniões de professores com a comunidade, como também as discussões de outros projetos, que tratem desse tema, como parte do currículo escolar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Frente a este cenário, fica evidente que é de suma importância que haja a conscientização de todas as classes sociais de que os seres humanos são iguais em dignidade, não importa a cor de sua pele ou a aparência física. Esta conscientização deve ser passada pela escola, onde deve ser enfatizada e encorajada e depois vivida em comunidade.

Em soma a isto, espera-se que as ações propostas possam: refletir e valer de bons métodos e de uma didática adequada no processo de ensino e aprendizagem com vista à formação do sujeito, a fim de que este possa ter consciência crítica sobre o que se passa à sua volta. E tudo isso precisa ser elaborado, considerando o

aluno não como uma peça, um objeto, mas um indivíduo pensante que necessita ampliar suas habilidades e seu repertório, social e cognitivo.

Contribuir para que haja o reconhecimento a valorização da diversidade étnico- racial nos espaços escolares, bem como estimular as/os professoras/es a fim de desenvolver com aptidão as práticas pedagógicas que visem esta diversidade, promovendo, desse modo, a interação entre os alunos para criar um ambiente de descontração e criatividade no sentido de valorizar a si mesmo e o outro com respeito e dignidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL, Lei n. 10.639 – 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

CAPOEIRA, N. Capoeira: Pequeno Manual do Jogador. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 234 p. <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/53/2>. Acesso em 26/01/2021

CARVALHO, Jorge de Carvalho. **Ações Afirmativas como base para uma aliança negro-branco-indígena contra a discriminação étnica e racial no Brasil**. In: GOMES, Nilma Lino & MARTINS, Araci Alves. (orgs.). *Afirmando direitos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.p.65.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2 ed. São Paulo: Difel, 1985.

CRUZ, José Luiz Oliveira. **Capoeira angola: do iniciante ao mestre**. Salvador: EDUFBA; Pallas, 2003.

Disponível em:  
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48489/MONOGRAFIA%20RODRIGO%20FERNANDO%20BUNESE.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 14/01/2021

COELHO, W. de N. B; SOARES, N. J. B. **A implementação das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 e o impacto na formação de professores**: inflexão inicial. In: MÜLLER, T. M. P.; COELHO, W. de N. B.; FERREIRA, P. A. B. (Orgs). *Relações étnico-raciais, formação de professores e currículo*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

Declaração de Durban e plano de ação. Brasília: Fundação Cultural Palmares - Ministério da Cultura, p.68.

DOMINGUES, P. (2007). Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, 12(23).

FIORIN, J. L. (2009). A construção da identidade nacional brasileira. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, (1).

FERNANDES, J. R. O. (2005). Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. *Cad. Cedes, Campinas*, 25(67), 378-388.

GOMES, Nilma Lino. Apresentação I. In: GOMES, Nilma Lino & MARTINS, Araci Alves. (orgs.). **Afirmando direitos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 9-40

GOMES. N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21,

GUIMARÃES, A. S. A. **'Raça', Racismo e Grupos de Cor no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 45-63, 1995.

GUIMARÃES, A. S. A **Contexto histórico-ideológico do desenvolvimento das ações afirmativas no Brasil**. São Paulo: Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2005, p

GUSMÃO, N. M. M. **A lei Nº 10639/2003 e a formação docente: desafios e conquistas**. In: JESUS, R. F.; ARAÚJO, M. S.; CUNHA JUNIOR, H. (Orgs). Dez anos da lei nº 10.639/03: memórias e perspectivas. Fortaleza: Edições UFC, 2013

23

HELLER, A. **"Sobre Os Preconceitos"** In: Cotidiano e a História. São Paulo: Paz e terra, 1988.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. SAEB: **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Relatório Nacional 2001**. Brasília: INEP/MEC, 2002.

JESUS, J; SANTOS, M.C. PRUDÊNCIO, C.A.V. A Lei 10.639/03 E O Ensino De Ciências: O Que Pensam Os Professores De Ciências Das Escolas Estaduais De ITABUNA/BAHIA. **Revista SBENBIO**. 2016. Recuperado de <http://www.sbenbio.org.br/blog/renbio-edicao-9/>> Acesso: 24/03/2020.

MUNANGA, Kabengele. **Políticas de Ação Afirmativa em benefício da população negra no Brasil** – um ponto de vista em defesa das cotas. In: GOMES, Nilma Lino & MARTINS, Araci Alves. (orgs.). **Afirmando direitos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 47-59.

MUNANGA, K. **Negritude – usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ONU. Declaração Final. III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, (2001).

ROBATTO, L. Dança em Processo: A linguagem de Indizível. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

ROMÃO, J. **"O Educador e a Construção de Uma Auto-Estima Positiva No Educando Negro"** In: Cavalleiro(org) Racismo e Anti-racismo na Educação. São Paulo: Summus, 2001.

ROSA, Maria Cristina. **Os Professores de Arte e a Inclusão: O caso da lei 10639/2003.** In: **29 Reunião da ANPED**, 2006, Caxambu - MG. 29 Reunião Anual da ANPED - Educação Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade:

SAVIANI, D. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias.** In: FERRETTI, C (orgs) Tecnologias, trabalho e educação – Um debate multidisciplinar. Petrópolis, Vozes, 1994.

SANTOS, L. J. M.; BARROS, L. O. **O histórico da capoeira: um curto passeio da origem aos tempos modernos.** Revista Digital Buenos Aires, Ano 4, nº 15, agosto de 1999. Disponível em <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/53/2>. Acesso em 26/01/2021

SOARES, Sergei. A democracia da cor: a composição da população brasileira de 1890 a 2007. In: THEODOR, Mário et al. (Orgs.). **As políticas públicas e desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição.** Brasília: IPEA, 2008a. p. 97-11

SIMON, Roger I. **A pedagogia como tecnologia cultural.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003. p.61-84.

SILVA, P. C. da C. **Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores.** Revista Brasileira Ciênc. Esporte, Porto Alegre, v. 33, n. 4, out./dez. 2011. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8900/1/2013\\_EleniFernandesGoncalvesCampos.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8900/1/2013_EleniFernandesGoncalvesCampos.pdf). Acesso em: janeiro de 2021.

SOUZA, Elizabeth Fernandes de. Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCNs. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2001. p.54-55.

SOUZA, A. A. R.; OLIVEIRA, A. A. B. **Estruturação da capoeira como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental e médio.** Revista da Educação Física/UEM, Maringa, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2. sem. 2001. Disponível em

<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/53/2>. Acesso em 26/01/2021:

em

ALMEIDA, **Silvio Luiz de**. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

## ANEXOS

### MINHA POSTERIORIDADE



Trabalhos realizados durante a trajetória de mestrado

## APRESENTAÇÃO NA ESCOLA E.M.C / OFICINA DE BONECAS ABAYOMI



APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA NA E. M.C  
RESPONSÁVEIS E ALUNOS/AS



PERFORMANCE DO GRUPO DE DANÇA/ EQUIPE DA E.M.C



APRESENTAÇÃO NA E.M.C



BIBLIOTECA VITUAL.pptx.pdf

**Catálogo na Publicação (CIP)  
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)  
Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

S237r Santos, Rosilene Oliveira dos, 1979 -  
Racismo na escola: podem as danças afro-brasileiras pensar a  
educação?./ Rosilene . – Porto Seguro, 2022.  
75 f.

Orientadora: Dodi Tavares Borges Leal

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.  
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais.  
Campus Sosígenes Costa.

1. Racismo. 2. Corporalidades. 3. Negras. 4. Dança Afro. I. Leal, Dodi  
Tavares Borges. II. Título.

CDD – 303.387

**Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883**



**Universidade Federal Do Sul Da Bahia – UFSB**  
**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PROPPG**  
**Programa de Pós-graduação em Ensino e Relação Étnico-Racial – PPGER**

**Banca Examinadora:**

-----  
 Prof<sup>ª</sup>. Dra. Dodi Tavares Borges Leal ( UFSB / PPGER)  
*Presidenta da banca*

-----  
 Prof. Dr. Gessé Almeida Araújo (UFSB / PPGER)  
*Membro interno*

-----  
 Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eloisa Leite Domenici (UFSB)  
*Membra externa*

-----  
 Prof. Me. Danilo Silveira (UNESPAR)  
*Membra/o interna/o*

-----  
 Rosilene Oliveira dos Santos  
*Candidata*

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - IHAC / Campus Sosígenes Costa – UFSB BR 367  
(Rodovia Porto Seguro – Eunápolis), Km 10, Porto Seguro - BA, CEP: 45810-000 55 73 3288-8400 |  
ppger.csc@ufsb.edu.br | <https://ufsb.edu.br/ppger>